



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DG
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

RENNE RODRIGUES SERAFIM

**A SOCIEDADE MARGINALIZADA E O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-
INFORMACIONAL NAS OBRAS CYBERPUNK: FANTASMAS DO FUTURO**

CAMPINA GRANDE – PB

2021

RENNE RODRIGUES SERAFIM

**A SOCIEDADE MARGINALIZADA E O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-
INFORMACIONAL NAS OBRAS CYBERPUNK: FANTASMAS DO FUTURO**

Monografia de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S481s Serafim, Renne Rodrigues.

A sociedade marginalizada e o meio técnico-científico-informacional nas obras cyberpunk [manuscrito] : Fantasmas do futuro / Renne Rodrigues Serafim. - 2021.

55 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Literatura cyberpunk. 2. Marginalização social. 3. Ciência geográfica. 4. Espaço. I. Título

21. ed. CDD 711.4

RENNE RODRIGUES SERAFIM

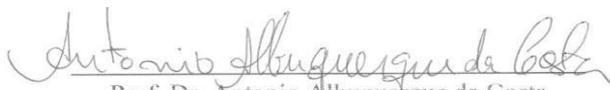
**A SOCIEDADE MARGINALIZADA E O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-
INFORMACIONAL NAS OBRAS CYBERPUNK: FANTASMAS DO FUTURO**

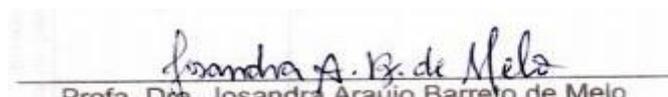
Monografia de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Aprovado em: 18/ 10/ 2021

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa
Universidade Estadual da Paraíba


Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Maria Marta dos Santos Buriti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SERAFIM, Renne Rodrigues. A Sociedade marginalizada e o meio técnico-científico-informacional nas obras cyberpunks: fantasmas do futuro. 2021. 52f. TCC (Graduação) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.

RESUMO

O presente trabalho traz uma abordagem relacional entre a literatura cyberpunk e a ciência geográfica, mais especificamente sobre a categoria espaço e suas transformações pelos agentes sociais, na forma como são tratados na ficção e sua referida associação ao mundo real, particularmente a partir da emergência de um Meio técnico-científico-informacional e consequente globalização econômica pelos atores hegemônicos que conduzem tal processo. Para nos situarmos na discussão é preciso entender o que ocorre a nível mundial com o fim da segunda guerra mundial quando o mundo passou por inúmeras transformações socioeconômicas e socioespaciais, quando o investimento no setor tecnológico passou a ser o motor dessas mudanças; como resultado o mundo reestruturou-se passando a ser guiado pela ciência, tecnologia e informação, surgindo assim o meio técnico-científico-informacional, que teve sua propagação em escala global durante as décadas de 1970-1980. Concomitantemente a esses processos espaciais, verifica-se dentro do âmbito literário o nascimento do cyberpunk, como uma resposta para essas transformações na pós-modernidade. Sendo uma crítica aos modelos estabelecidos pela globalização, principalmente após a chegada do meio técnico-científico, o cyberpunk a sua maneira abriu portas para debates sociais a respeito da onipresença tecnológica na sociedade, a privatização do Estado e a crescente onda de marginalização que se estabelece com a chegada dos atores hegemônicos no poder. Neste estudo embarcamos em uma análise de cunho teórico sobre a verossimilhança entre o meio técnico-científico-informacional e o cyberpunk, e como que conceitos de áreas tão distintas dão destaque para a criação de uma sociedade pobre e marginal.

Palavras Chaves: Meio técnico-científico-informacional. Cyberpunk. Marginalização social. Atores hegemônicos.

SERAFIM, Renne Rodrigues. The marginalized Society and the techno-scientific-informational medium in cyberpunk works: ghosts of the future. 2021. 52f. TCC (Graduação) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.

ABSTRACT

This study approaches the relation between cyberpunk literature and geographical science, specifically about the spatial category and its changes by the social agents, in the form how it is managed in fiction and its referred association to the real world, particularly starting from the emergence of a techno-scientific-informational Medium and consequent economic globalization by the hegemony actors that lead such process. To situate ourselves on the discussion it is necessary to understand what occurs in a global level with the end of the second world war when the world went through numerous socioeconomical and social spatial transformations, when the investment in the technology sector became the engine of such changes; as a result, the world restructured itself becoming driven by science, technology and information, arising then the techno-scientific-informational medium, that had its propagation in a global scale during the decades of 1970 and 1980. Concomitantly to these spatial processes, it is verified in the literary scope the birth of the cyberpunk genre, as a response to these postmodern changes. Being a critique to the models established by the globalization, mainly after the arrival of the techno-scientific-informational medium, the cyberpunk opened ways to social debates about the technological omnipresence in society, the privatization of the State and increasing wave of marginalization which establishes itself with the rising of the hegemony actors to power. In this study, we sail through a theoretical character analysis about the verisimilitude between the techno-scientific-informational medium and the cyberpunk, and how concepts from distinct areas give highlight to the creation of a poor and marginal society.

Keywords: Techno-scientific-informational Medium. Cyberpunk. Social Marginalization. Hegemony Actors.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 O orfanato em Ghost in the Shell	41
Figura 02 Os direitos humanos	41
Figura 03 Os marginalizados em Ghost in the Shell	43

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
2.	A MARGINALIZAÇÃO, O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO- INFORMACIONAL	9
2.1	Breve introdução aos conceitos.....	9
3.	TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS PRESENTES NAS OBRAS CYBERPUNK	16
3.1	A cidade: da santidade a depravação.....	16
3.2	A sociedade marginalizada: uma viagem através das obras cyberpunk.....	19
4.	A SOCIEDADE MARGINALIZADA E O MEIO TÉCNICO- CIENTÍFICO-INFORMACIONAL NAS OBRAS CYBERPUNK	24
4.1	O cyberpunk e o meio técnico-científico-informacional: o estopim da tecnologia e da criminalidade.....	24
4.2	Os agentes hegemônicos globais e a crescente marginalização da sociedade.....	29
4.3	A ascensão dos excluídos: o meio técnico-científico e a dimensão da exclusão .	33
4.4	Cyberpunk vs. O meio técnico-científico: o real dentro do fictício.....	36
4.5	As sociedades marginalizadas: o fantasma do futuro (Ghost in the Shell).....	39
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	48
	APÊNDICE A – UM OLHAR PELO CYBERPUNK	50

1 INTRODUÇÃO

Como podemos verificar através dos séculos, e mais recentemente das últimas décadas, o mundo está em constante evolução, o surgimento da própria civilização de forma gradativa desenvolveu e incentivou o surgimento da industrialização, o que resultou na globalização que vem se impondo e se afirmando freneticamente. Esses processos acarretaram e ainda acarretam inúmeras mudanças dentro dos setores econômicos e políticos, entre os quais se pode mencionar a aproximação das diversas culturas ao redor do mundo e o desenvolvimento de novas tecnologias e de novas técnicas para os setores industriais, culturais e políticos. Essas novas tecnologias dão-se de forma significativa após o final da segunda guerra mundial e intensificaram-se a partir dos anos 1970 do século XX, fase que ficou conhecida como o meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006), a qual consagra a junção entre técnica, ciência e informação guiadas pelo funcionamento do mercado global. Desta maneira é possível verificar o quanto o espaço se modificou se tornando mais globalizado, tanto que a própria informação se consolidou como um vetor onipresente e oniciente, disseminando simultaneamente os conhecimentos.

Concomitantemente a essa nova fase mundial, irrompeu-se na ficção científica o subgênero cyberpunk, concretizado como um movimento de cunho ideológico-político, onde seus escritores vivenciaram eventos como a guerra fria, o florescer do capitalismo financeiro e o surgimento de novas tecnologias informacionais. Esses fatores foram responsáveis por trazer dentro desse gênero debates a respeito do enfraquecimento ou inexistência das políticas públicas, a falta de segurança nas cidades, o aumento da violência e até mesmo relacionar o meio técnico-científico como estopim no desencadear de um sistema onde as tecnologias se sobressaem e reprimem a população, gerando uma sociedade majoritariamente marginal. Foi portanto, a partir das leituras dessas obras ficcionais do cyberpunk e das leituras teóricas sobre o Meio-técnico-científico-informacional que surgiu a ideia de fazer um trabalho comparativo entre o que está sendo abordado no referido gênero literário com as teorias espaciais do pensamento miltoniano, visto que, os dois campos de conhecimento pensam de forma crítica a sociedade hodierna.

Sendo assim, uma das problemáticas a respeito desse tema é como o meio técnico-científico informacional viabiliza o comando dos agentes hegemônicos na economia e na política da mesma forma que participa da criação de uma sociedade marginalizada. Deste modo, o presente trabalho, tem como principal objetivo fazer uma análise entre o meio

técnico-científico-informacional e o universo cyberpunk, e verificar a partir do paralelo entre esses dois conceitos, como se encontram relacionados com o enfraquecimento estrutural da sociedade, a difusão desenfreada da violência, do medo e da desigualdade social. Ademais o trabalho parte do ponto de vista analítico, e baseia-se em obras cyberpunks – um subgênero da literatura ficcional – que tem como conteúdo uma sociedade futurística comandada pelas megacorporações que administram o mercado global e ditam as regras do mundo. De tal maneira que possamos traçar uma linha entre o dito fictício e a realidade, mostrando que o distópico não passa de uma visão crítica do nosso modelo atual de sociedade, e como isso é algo intrínseco do nosso modelo socioeconômico, político e cultural.

Portanto os procedimentos metodológicos utilizados nesse trabalho partiram de natureza teórica, utilizando de início um levantamento bibliográfico, examinando artigos e livros acadêmicos, os quais se relacionam com o assunto tratado nessa monografia. É a partir da utilização das obras de Milton Santos (relacionadas ao meio técnico-científico-informacional) e da professora Adriana Amaral (responsável pela parte teórica do movimento cyberpunk) que este trabalho acadêmico se debruça sobre seu objeto, tendo uma base científica possível para a melhor abrangência sobre o tema. É dessa forma que o objeto de estudo dessa monografia passou a ser uma análise entre o universo estabelecido por essas obras cyberpunks e sua relação com o nosso mundo real, ou seja, como o meio técnico-científico-informacional está interligado a esse universo no desencadear de uma sociedade fragilizada, que conseqüentemente origina a exclusão da parcela mais fraca da população.

A presente monografia está dividida em três capítulos, o primeiro, intitulado: *a marginalização, o cyberpunk e o meio técnico-científico-informacional*, propõe uma breve introdução sobre os conceitos dispostos à cima, enquanto o segundo apresenta as: *transformações socioespaciais presentes nas obras cyberpunk*, e almeja debater as transformações ocorridas no âmbito estrutural da cidade, mantendo o foco na cidade ficcional apresentada nas obras cyberpunks; e por fim temos: *a sociedade marginalizada e o meio técnico-científico-informacional nas obras cyberpunks*, nesse último capítulo os debates são aprofundados e explorados, voltando-se principalmente para questões sociais envolvendo tanto o subgênero literário quanto o meio técnico-científico, e como que conceitos tão distintos podem se conectar perfeitamente.

2 A MARGINALIZAÇÃO, O CYBERPUNK E O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL.

2.1 Breve introdução aos conceitos

Para podermos entender a relação intrínseca entre o movimento cyberpunk e o meio técnico-científico-informacional, primeiro precisamos compreender o que de fato significam esses conceitos e qual contexto histórico estão inseridos, além de como podem estar relacionados aos contextos de marginalização da sociedade. Isso levando em conta um conceito tão abstrato como o próprio cyberpunk – que apesar de sua origem ser no âmbito ficcional, faz um paralelo com a nossa realidade –. Assim há uma necessidade de caráter introdutório sobre esses tópicos para melhor aprofundamento na discussão.

Etimologicamente o termo cyberpunk vem da junção de duas palavras: *cybernetic* + *punk*, sendo uma fusão além de meras palavras, mas também de características e culturas, tendo em vista que o Cyber (cybernetic) vem de um período pós-segunda guerra mundial, no qual seu foco se encontra em investimentos nas áreas tecnológicas e paramilitares, como também o surgimento dos computadores e conseqüentemente do ciberespaço¹. Já o Punk vem da contracultura de mesmo nome, surgida nos anos 1974 que tinha como base a filosofia D.I.Y.², os integrantes desse grupo e contracultura são recorrentemente retratados como agressivos (tanto em atitude como visual), estilos musicais próprios, e pensamentos niilistas. É a partir dessa junção que o cyberpunk é concebido e se molda, apresentando um universo próprio, com características que vão de atitudes agressivas ao uso (ou a inserção) de tecnologias, estruturando um próprio estilo de vida, refletida na: *alta tecnologia e baixa qualidade de vida*.

Traçando uma retrospectiva através da história, o conceito que viria a ser o cyberpunk como conhecemos atualmente começou a se manifestar a partir dos anos 1927 com a epopeia, produzida por Fritz Lang, denominada Metrópolis. Nessa obra futurista, ricos industriais governam a cidade de Metrópolis a partir de intocáveis arranha-céus, enquanto operários, localizados nos subterrâneos, trabalham dia e noite nas enormes máquinas que fornecem energia à cidade, ao mesmo tempo em que são constantemente humilhados e se encontram

¹ O ciberespaço diz respeito a uma forma de virtualização informacional em rede. Por meio da tecnologia, os homens, mediados pelos computadores, passam a criar conexões e relacionamentos capazes de fundar um espaço de sociabilidade virtual.

² A filosofia punk era a do “se você não gosta do que existe, faça você mesmo” – ou, simplificando, o lema “do it yourself”. Os punks de primeira hora começaram a criar suas próprias artes plásticas, suas próprias roupas diferentes, seus próprios discos (dando início a um real sistema de gravadoras independentes) e suas próprias publicações (revistinhas xerocadas chamadas fanzines).

num estado de miséria absoluta. Contando com revoltas, romance, sacrifícios e um segredo terrível, *Metrópolis* é assim consagrado como a primeira grande obra ficcional a abordar e estabelecer uma narrativa futurista calcada numa crítica dicotômica entre o avanço tecnológico e a desumanização da sociedade, a qual se revela a partir da criação da primeira ginoide (androide feminina) conhecida por *Maschinenmensch/Hel*, tendo como objetivo a evolução e a substituição da própria raça humana.

Metrópolis pode ser considerado um dos maiores clássicos da ficção científica e carrega consigo o cerne do tipo de narrativa que se desenvolverá mais tarde no cyberpunk, sendo responsável pela evolução da escrita ficcional, influenciando diversos escritores, artistas e roteiristas. Esse é o caso do artista francês Moebius³ que em suas obras apresentava uma sociedade distópica ambientada em uma megacidade recheada de edifícios – que mais pareciam florestas verticais, feitas de ferro e aço maciço –, propagandas psicodélicas, robôs, alienígenas e uma população com implantes cibernéticos, que estava fadada a um esquecimento e pobreza eminente.

Outro autor de imensa importância para a ficção científica foi e é o renomado Philip K. Dick, escritor de *Androides sonham com ovelhas elétricas?* (1968), nessa obra acompanhamos a história de Rick Deckard, um caçador de androides incumbido de “aposentar” (termo usado para se referir à ação de matar) um grupo de novos modelos androides, intitulados de *Nexus 6*, que são descritos como idênticos aos humanos. Na trama a caça incansável de Deckard por esses androides somos levados a refletir sobre qual a exata diferença entre humanos e androides - seria essa o ato de sentir empatia ou simplesmente a noção de ser um organismo multicelular? -. São inúmeros os levantamentos filosóficos que Dick traz em sua obra, estabelecendo assim uma visão pessimista e niilista cunhada com uma estética noir⁴. É com essas características que a obra de Philip K. Dick se consagra e se estabelece como um tipo de “proto-cyberpunk”, sendo considerada um ato embrionário do gênero.

³ Jean Giraud, aliás, Moebius ou Gir, é um lendário autor e designer de quadrinhos. Nascido em 1938 em Nogent-sur-Marne [...] sob a assinatura da MOEBIUS, em 1962 inaugura uma nova fonte de inspiração centrada no humor, na fantasia e na ficção científica. Seus desenhos também chamaram a atenção de grandes diretores com quem colaborou em vários filmes: *Alien* de Ridley Scott (figurinos), *Les Maîtres du temps* de René Laloux (storyboard), *Tron* de Steven Lisberger (figurinos), *Abyss* de James Cameron (criaturas subaquáticas) ou *O Quinto Elemento* de Luc Besson.

⁴ A literatura noir se caracteriza por apresentar histórias que misturam terror, mistério e elementos policiais, detetives e investigações que vão além dos conhecimentos de investigação criminal. O gênero recebeu esse nome justamente por ter como ambiente, na maioria das vezes, à noite, os bares, as ruas desertas e casas repletas de assombrações.

Com a chegada dos anos 80 a ficção científica tomou novos rumos, e se consagra como a era cyberpunk, pois é nessa década que a palavra cyberpunk é usada pela primeira vez, tendo Bruce Bethke como criador do termo em 1983. Contudo é em julho de 1984 que o cyberpunk se consolida, através da obra *Neuromancer*, escrita por William Gibson, na qual se criou e implementou diversas características e termos utilizados até hoje no gênero. Uma das principais características é a definição (de maior recorrência) do ciberespaço, como também o perfil comportamental e psicológico de seus personagens e concomitantemente a estrutura do próprio espaço em que essas histórias se passam. Não seria por menos, que essa obra visionária, foi a principal responsável pelo conceito e desenvolvimento do filme *Matrix* (1999), produzido pelas irmãs Wachowski, que se utilizou veemente dos aspectos do livro e se tornou um fenômeno da cultura pop instantaneamente, fator esse que consagrou William Gibson como pai do cyberpunk, vindo a influenciar uma nova geração de escritores ao redor do mundo. Como aponta Amaral (2006, p.73): “Gibson é um dos principais autores de ficção cyberpunk, tendo no *Neuromancer* (1984), criado o conceito de ciberespaço e inspirado uma série de outros autores como Pat Cadigan, Bruce Sterling, Lewis Shiner e Greg Bear”.

Com o passar dos anos, obras do gênero cyberpunk, ganharam cada vez mais espaço na cultura pop, através de séries, filmes, livros, jogos, Role-playing games (RPG's), músicas e quadrinhos. Algumas produções que se destacaram nesse gênero foram: *Baldrunner* (1982), *Akira* (1988), *Ghost in the Shell* (1989), *Matrix* (1999), *Altered Carbon* (2002), *Psycho-Pass* (2012), *Alita* (2019) e *Cyberpunk 2077* (2020). Para melhor explanação sobre, ver apêndice A.

Assim observamos que obras desse gênero trabalham temas no qual podemos nos debruçar em uma humanidade que busca evoluir tecnologicamente, mas a troco de uma sociedade pobre incapaz de acompanhar tal evolução, gerando uma exclusão da população majoritariamente marginal, o que resulta em um desequilíbrio na própria estrutura da sociedade. É a partir dessa discussão (que será melhor aprofundada no decorrer do texto) que um dos pontos centrais do cyberpunk emerge: uma sociedade na qual a tecnologia assume um poder autônomo que cada vez mais se apossa de espaços públicos mostrando ser a mediadora da vida, como mostra Amaral (2006, p. 31): “sendo assim, essa visão cyberpunk reconhece um espaço público em que as pessoas são tecnologizadas e reprimidas ao mesmo tempo, mostrando a tecnologia como a mediadora de nossas vidas sociais”.

É importante ressaltar que além dessa sondagem, o cyberpunk debate temas sobre a evolução tecnológica, o alto nível de criminalidade, a falta de políticas públicas, o surgimento de megacorporações que visam o domínio mundial, a marginalização e conseqüentemente a pobreza social; assim como aborda personagens perdidos em seus delírios cotidianos, geralmente fadados ao esquecimento, rondando barreiras corpóreas e imateriais de um ciberespaço recheado de informações e perigos. É como podemos ver em Lemos (2004, p.12) “os protagonistas das histórias cyberpunks são anti-heróis que transitam com implantes (ciborgues) por espaços físicos e informacionais em um cenário sociopolítico em que corporações gigantescas dominam todos os campos da sociedade, substituindo até mesmo os governos nacionais”.

Esses protagonistas nasceram e se desenvolveram em um mundo obscuro, caótico e sem o básico necessário para uma vida digna, isso obviamente quando descrevemos os personagens inferiores, invisíveis e excluídos, presentes nas periferias das cidades - ou, como abordado periodicamente no cyberpunk, na “cidade baixa/esquecida”. Mas em contra partida, a sociedade pertencente a “alta cidade”, aos luxuosos resorts, aos conglomerados empresariais, possuem planos inimagináveis de saúde, desfilam pelas ruas das grandes cidades luminosas com implantes cibernéticos e possuem riquezas além do conhecimento humano. Para essa parcela o mundo é perfeito, é palpável e com certeza angelical, mas os periféricos, os marginalizados, não vivem nesse mundo, eles são habitantes do submundo, matam para sobreviver, e tentam saciar sua fome com entorpecentes e prazeres carniais. É nesse ambiente que encontraremos a pergunta para nossa insaciável discussão: como que em uma sociedade extremamente tecnológica pode haver tanta pobreza ao ponto de desencadear uma sociedade marginalizada, invisível e excludente? E como esses pontos podem estar relacionados aos agentes hegemônicos da economia e política?

Apesar de essa ser uma das perguntas mais importantes para a nossa discussão, acabam surgindo outras de tamanha relevância e/ou importância, por exemplo, a de como um gênero caracterizado como ficção científica, surgido de um viés literário, pode estar relacionado com a nossa realidade - sabendo que é uma crítica exacerbada ao modelo de sociedade em que estamos inseridos - e, portanto, que precauções podemos tomar para evitar que esses acontecimentos se repitam e/ou se concretizem neste âmbito. Esses são alguns questionamentos que podemos obter através do entendimento do que é o meio técnico-científico-informacional, que será introduzido a seguir.

Partindo desse ponto, hoje sabemos que a ciência, a tecnologia e a informação são a base fundamental da nossa sociedade pós-moderna, e estes eventos se deram com a evolução da globalização, que no decorrer dos anos se inseriu e se consolidou nos inúmeros países ao redor do globo. Culminando assim na fase atual em que vivemos, onde a junção da ciência, tecnologia e informação formam os pilares para o nascimento do meio técnico-científico-informacional, conceito cunhado por Santos (2013, p.10) que coloca que “podemos dizer que o meio técnico-científico é a resposta geográfica ao processo de globalização”.

Para compreendermos o meio técnico-científico, precisamos entender que a inserção do mesmo no mundo fez com que a economia fosse consagrada mundializada, fazendo com que toda a sociedade adotasse seu modelo, ocasionando assim uma multiplicidade de recursos tanto naturais como humanos, como mostra Santos (2013):

Essa evolução culmina na fase atual, onde a economia se torna mundializada e todas as sociedades terminam por adotar, de forma mais ou menos total e de maneira mais ou menos explícita, um modelo técnico único que sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos. (SANTOS, 2013, p.18)

Desse modo a sociedade começa a ser movida a partir dos interesses exclusivamente da economia e política, que estarão a favor dos agentes hegemônicos, o que consequentemente iniciará processos para a individualização e segregação da sociedade, hierarquizando modelos de investimentos, circulação de capital e até a própria distribuição das mercadorias e de mão de obra. Assim sendo, Santos (2013, p. 18) novamente afirma: “é nessas condições que a mundialização do planeta unifica a natureza. Suas diversas frações são postas ao alcance dos mais diversos capitais, que os individualizam, hierarquizando-as segundo lógicas com escalas diversas”.

Atualmente a técnica como mostrada por Santos (2013, p. 23) “[...] é conduzida pelos grandes atores da economia e da política” fazendo com que a sociedade como um todo seja conduzida por estes últimos. É dessa forma que podemos averiguar a perda do “livre arbítrio”, o que acontece devido todos os fatores serem guiados e encaminhados pelos agentes hegemônicos.

Fazendo uma associação, imaginemos um mestre de marionetes que ao gesticular suas mãos tem todo o poder e onipresença sobre a marionete, usando-a da maneira que desejar. Nesse caso o mestre seria e é a mão invisível do mercado global, que controla e manipula a sociedade a partir da economia e da própria política, obtendo assim os resultados que desejar. O que parece imaginação é na verdade o que vivemos e estamos presenciando na nossa

modernidade, a economia juntamente com a mão que a controla, estão inseridas nas empresas, nas instituições, nas grandes corporações, no que está dentro e fora do mercado, e é essa mão que irá determinar quem será excluído, indesejável e quem será dominado e “abençoado”. Dessa maneira notamos que toda a perspectiva, tanto espacial como temporal, está à mercê destes atores hegemônicos.

Santos (2013, p. 41) também ressalta que “o meio técnico-científico-informacional é a nova cara do espaço e do tempo. É aí que se instalam as atividades hegemônicas, aquelas que tem relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais”. Compreendemos então que, os lugares são e/ou se tornam mundiais; o espaço assim se molda para adaptar-se a chegada da mundialização, característica da nova era que se concretiza como a era da globalização, da tecnologia, da ciência e da informação, ou seja, a era em que se instalou o meio técnico-científico. Dessa forma podemos definir essa nova fase como a era guiada pelo mercado global, fator esse motivado pelo surgimento das novas técnicas relacionadas aos setores industriais e a economia, que vem se consolidando cada vez mais como um poder soberano em nossas vidas.

É sobrevivendo a esse turbilhão de acontecimentos que nos desprendemos da própria humanidade, esquecendo-nos daqueles mais vulneráveis e excluídos que habitam na sociedade. Estes, conhecidos como marginalizados, são os que mais sofrem com a vinda da modernização; ao não se encaixarem nos novos moldes socioeconômicos e sociopolíticos, acabam recebendo o título de imprestáveis, ocorrendo a sua exclusão. A marginalização gera a invisibilidade dessa parcela, que incapazes de acompanhar essa nova era acabam sendo jogados na pobreza, uma pobreza urbana, como podemos dizer.

O problema dessa pobreza seria a de que, particularmente em países subdesenvolvidos, se tornar mais abrangente, e isto ocorre principalmente, pois ao copiarem modelos socioeconômicos dos países capitalistas e conseqüentemente mais desenvolvidos, não se é levado em conta a realidade própria e a expansão urbana *in loco*, que quando ocorre em um ritmo vertiginoso desencadeia uma pobreza sem precedentes. O que acarreta o surgimento da população miserável, que impossibilitados do mercado de trabalho são privados dos objetos básicos da vida, como saúde, alimentação e a própria dignidade, esses miseráveis assim se tornam marginais/marginalizados e conseqüentemente tornam-se não apenas um problema econômico, mas um problema social, como deixa claro Santos (2013, p.

18) quando afirma que “[...] porquanto a pobreza não é apenas uma categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social.”

Mesmo sendo caracterizada como um problema social, a pobreza ganha status de “doença social”, enquanto continua existindo e torna-se cada vez mais irreversível, sendo difícil imaginar o seu fim, impondo-se duramente como um pandemônio contemporâneo. Dessa forma cada vez mais a marginalidade acaba se ramificando e espalhando seus galhos até se estabelecer dentro da pós-modernidade. É de imensa importância frisar, que a pobreza e a marginalidade são diferentes, mesmo possuindo uma relação intrínseca, a pobreza é entendida como a falta ou privação material e social, a pobreza assim é passível de análise e pesquisa, enquanto a marginalidade é uma restrição que vai além destas privações, perpetrando em outras esferas em seus desdobramentos, sendo impossível de ser quantificada. Isto é, dentro do aspecto econômico a população pobre é compreendida como sendo uma mão de obra barata e passível de exploração, enquanto a marginal, dentro do espectro econômico, é vista como uma população indesejável, imprestável, inútil e invisível; como salienta Santos (2013, p. 26) “o uso da expressão marginalidade e sua conceituação frequentemente permitiram que a chamada ‘população marginal’ de um país fosse julgada excedente, ou que, sob o aspecto econômico, fosse considerada uma população inútil”.

Dessa maneira os marginais acabam nem ao menos existindo quando levado em conta o espectro econômico, se concretizando como a parcela excluída da sociedade. Eis que surge outra pergunta fundamental para nossa discussão, como que o meio técnico-científico contribui à (re) criação dessa sociedade marginalizada e quais transformações socioespaciais e socioeconômicas acabam por se desenvolver dessa contribuição? É com essa perspectiva, que a discussão a seguir foca-se na busca por respostas de como o meio técnico-científico informacional viabiliza o comando de agentes hegemônicos na economia e política, da mesma forma que participa – contribuindo ou não – do surgimento de uma sociedade fragmentada e jogada a marginalização. Isso partindo de uma análise dicotômica entre ficção x realidade, partindo de uma investigação através do cyberpunk com objetivo na compreensão dessa dualidade.

3 TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS PRESENTES NAS OBRAS CYBERPUNK.

3.1 A cidade: da santidade à depravação

Com uma evolução constante, o meio geográfico vem sendo aperfeiçoado e modificado para melhor se adaptar a um novo mundo, marcado pela presença consistente da ciência e da técnica que reestrutura a essência do próprio território e do espaço, voltados para a produção do capital fixo. Neste contexto, a informação tem um papel fundamental, é um condutor, um agente ativo e em circulação dentro do âmbito socioeconômico e socioespacial.

É com o meio técnico-científico-informacional presente no mundo inteiro (apesar de dimensões variantes de continente para continente) que vem a se estabelecer o processo de mundialização do espaço geográfico, acarretando transformações dos territórios nacionais em espaços de economia internacional. Com o espaço modificado para atender os interesses dos atores hegemônicos, percebe-se que o avanço tecnológico fruto desse desenvolvimento mundial e globalizado, trouxe em sua carga não apenas benefícios - como o aumento do capital bruto para os setores industriais - mas também o aumento da desigualdade social. Tendo em vista que a renda per capita além de escassa é distribuída de forma desigual, ocasionando assim, em sua maioria, o desemprego crônico, a pobreza e a baixa qualidade de vida; podemos dizer que o que globaliza, aproxima e/ou estabelece uma conexão, também separa.

Dessa maneira a produtividade espacial se torna parcela integral do capital mundial, produzindo tensões crescentes entre a localidade e a globalidade, ou seja, gerando um sistema de poder hierarquizado onde países inseridos dentro da globalidade (tidos como desenvolvidos) terão grandes influências de caráter econômico e político nos países inseridos na localidade (países subdesenvolvidos), transformando-os em países submissos, que cada vez mais se tornam sede dependente dos centros de poder.

O espaço assim se torna uma parte do mercado, ou melhor, se torna o próprio mercado, estando suscetível a todas as regras dos atores hegemônicos, e esta integralização entre mercado e espaço determina que este último seja regido pelo capital. O setor econômico controlará tudo a partir daí, e assim determinará o que é política, o que é cultura e como a sociedade estará integrada neste meio. E com o espaço voltado para a dimensão do mercado, que vem se tornando cada vez mais mundial e regido por organizações vinculadas a esses

atores, a parcela mais frágil da sociedade (os marginalizados) sofre as consequências de um mundo que porta-se exclusivamente para este tipo de desenvolvimento, e como consequência oculta e exclui essa população de todos os seus planos e vetores econômicos.

Os que sofrem a marginalização, como citado, são excluídos da sociedade e considerados inferiores ou invisíveis, e esses processos de marginalização ocorrem por inúmeros fatores e agem numa via de mão dupla, na medida em que são consequência, mas também intensificam as desigualdades sociais. Essas populações, porém, não escolheram a marginalidade, e sofrem hostilidades, preconceitos e violências. É o sistema que é responsável por criar esse excedente e de perpetuá-lo, pois quando esta estrutura se estabelece, não necessita destes para dar continuidade em seu funcionamento. Isto é, a própria modernização da tecnologia com sua solidificação dentro dos setores industriais produzem uma desigualdade econômica e social; e os atores hegemônicos, em nome do progresso, ocasionam uma injustiça ao distribuírem capitais apenas para aqueles que já o possuem, confirmando assim o fato de que os interesses desse desenvolvimento são ligados estritamente à economia e a política.

É a partir desse ponto, com a reestruturação territorial e espacial, que a cidade se torna o personagem principal. Caracterizada como um espaço urbano, e sendo responsável por desempenhar relações interpessoais, movimentar setores econômicos, políticos e culturais, a cidade se torna membro vivente da sociedade pós-moderna, que ao se vincular com os atores hegemônicos acaba se fragmentando e impondo a vontade de seus donos (os próprios agentes hegemônicos), o que refletirá em um perfil fragilizado tanto econômico quanto espacialmente. Ou seja, a cidade é apresentada como um personagem fundamental na vida dos indivíduos, seja como um perfil econômico e/ou social, a cidade é a responsável pela interação, consumo e relacionamentos (amorosos ou sociais), contendo uma aproximação acolhedora ou até mesmo brutal.

A cidade, independente da ficção ou realidade, é o vínculo de toda uma interação socioeconômica e política, é ela que será a espectadora das histórias que a circundam, é ela que irá apresentar evidências, fatos e vivências (passadas ou futuras). Com isso em mente, a cidade acaba se estabelecendo como uma divindade extremamente poderosa na pós-modernidade, detentora tanto da justiça como da sentença, designando-se como uma entidade onipresente e oniciente, que vinculada ao desejo de uma força maior (força essa imposta pelos agentes hegemônicos) acaba demonstrando hostilidade para com a população marginal,

proporcionando assim sua exclusão. Nesta perspectiva a cidade acaba se tornando um vetor de exclusão, medo e ameaças, infectadas por decisões vindas diretamente dos seus “donos”. Como vimos, estes “donos” estão relacionados aos agentes hegemônicos, que ao controlar o espectro econômico e político, tem controle absoluto do espaço urbano, manipulando a cidade da maneira que desejarem, transformando-a na sua própria imagem e desejo.

No âmbito das histórias cyberpunks, vemos a cidade descrita como um espaço caótico, perverso e excludente, é a partir dessa construção literária que a metrópole futurista se configura em duas esferas: gigantesca e ao mesmo tempo claustrofóbica. A primeira se constitui ao passo que a cidade é apresentada como um espaço vasto, repleto de arranha-céus e prédios que se mesclam com as nuvens. A segunda, que se configura como claustrofóbica, se dá na medida em que por contar com uma vastidão imensurável, a cidade acaba por se tornar um emaranhado de labirintos e espaços fechados. É nesse contexto que encontramos personagens tecnomodernizados, que caminham no labirinto de incertezas, sempre a procura de suas identidades e motivos para continuarem vivendo nessa “necrópole”. Dessa forma Amaral (2005, p.05) ressalta que “[...] o cenário da cidade adquire uma grande importância tanto por sua arquitetura monstruosa como por suas artérias sombrias nas quais habitam distintas raças, classes sociais e tribos urbanas”.

Outro fator que podemos apontar para essa estrutura da cidade – tida como megalomaniaca, no cyberpunk – seria a de funcionar como um ampliador do desenvolvimento tecnológico acompanhado por um crescimento desordenado e não planejado da própria arquitetura, como Amaral (2005, p.07) aponta: “no cyberpunk, a cidade aparece tanto como um parque temático, quanto uma simulação, combinando símbolos da era espacial de alta tecnologia com a visão vitoriana do crescimento desordenado e não planejado”.

Concomitantemente a esse pensamento, podemos afirmar que a partir do crescimento desordenado e não planejado, a cidade mergulha em um caos anárquico motivado pelo incomensurável tamanho urbano, não mais controlado ou apreensível. A cidade assim é levada a sua danação contemporânea, sendo incapaz de reversão. De modo que Santos (2013) afirma.

A nova rigidez metropolitana responsável pelo aumento desmesurado do tamanho urbano afeta, na cidade, o sistema de movimento, tornando-o mais anárquico, e, graças à extrema funcionalização de setores urbanos hegemônicos, agrava os problemas de coordenação, mudando a seu talante a distribuição das atividades e dos homens, assim como os seus ritmos. (SANTOS, 2013, p.73)

É a partir desse caos urbano que a cidade se reestrutura e se requalifica, o que ocasiona as transformações socioespaciais que desencadeiam o seu perfil fragmentado e fragilizado, a mercê de uma população que perde cada vez mais seus direitos. Como afirma Santos (2013).

Os espaços, assim requalificados, atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e desse modo são encorpados plenamente as correntes de globalização. (SANTOS, 2013, p. 48).

Em suma, podemos averiguar que a partir da requalificação do próprio espaço, agora inserido na globalização, conquistas, direitos sociais, políticas públicas que visam esta população que está fora do novo ritmo, estão distantes da realidade e podem alcançar sua inexistência total. O que suscita a fragilidade da sociedade, que se torna mais visível nas periferias, onde majoritariamente a população é exposta a condições precárias.

Resumindo, o controle dos atores hegemônicos sobre o espaço fomenta transformações socioespaciais e socioeconômicas, afetando diretamente a própria cidade que perde seu papel fundamental na interação, acolhimento e convívio social, transformando-a em uma ferramenta de exclusão controlada pelos interesses destes agentes hegemônicos.

3.2 A sociedade marginalizada: uma viagem através das obras cyberpunks

No capítulo anterior, ao nos referirmos à sociedade excluída e/ou invisível, foi frisado que apesar da relação intrínseca com a população pobre, a sociedade marginal não é facilmente quantificada. A pobreza é um dos conceitos mais complexos com o qual nos deparamos na contemporaneidade, o que faz necessário que ela seja entendida a partir de sua subjetividade e variabilidade, respeitando a abordagem, forma ou corrente a que iremos referenciar. Podemos apreendê-la neste momento a partir da perspectiva socioeconômica, na qual, resumidamente, a pobreza é entendida sendo a falta de condições básicas e bem-estar social, ou seja, a escassez e/ou falta de alimentos, moradia digna, assistência social, hospitalar, etc. Enquanto a pobreza é entendida como a falta/privação material, a marginalidade transpõe esses limites, ou seja, a sua característica é a própria exclusão. Assim para maior entendimento sobre essa exclusão é necessário adentrar no perfil da sociedade moderna para enfim compreendermos como que a vinda da modernidade e pós-modernidade – respectivamente – é assimilada com a marginalidade em questão.

Para Bauman (2001, p.39) a sociedade moderna existe em sua atividade incessante de “individualização”, ele ressalta que apesar da individualização ocorrer na modernidade ela não se caracteriza como uma escolha, mas sim como uma fatalidade. Esse fator é motivado

pelo colapso da própria sociedade moderna, que vinculado com a fragmentação do Estado e sua privatização acarreta medidas restritivas para com a sociedade mais vulnerável, deste modo a sociedade financeiramente mais estável (aquela que possui o capital) desenvolve uma individualização, não mais dependendo do Estado e de suas políticas públicas. Dessa forma a modernidade vem sofrer duas modificações, como salienta o próprio Bauman (2001)

A primeira é o colapso gradual e o rápido declínio da antiga ilusão moderna [...] A segunda mudança é a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes (BAUMAN, 2001, p. 37-38).

Com essa junção entre colapso insurgente, desregulamentação e privatização, o Estado moderno sofre um enfraquecimento perdendo seu papel fundamental de regulamentador, investidor e protetor de sua população, independente de classe social, etnia e orientação sexual. Esse seria o estopim para o desenvolvimento da população marginal, que devido à privatização do próprio Estado e seu interesse agora exclusivo da economia, descarta o que não se pode tirar proveito, ou seja, a própria população pobre e marginal, como Bauman (2001) nos lembra:

Condições econômicas e sociais precárias treinam homens e mulheres (ou os fazem aprender pelo caminho mais difícil) a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis, objetos para uma só utilização; o mundo inteiro - inclusive outros seres humanos (BAUMAN, 2001, p. 186)

Esses processos e a conseqüentemente a criação da marginalidade, demarca nada mais do que a própria “morte” do Estado independente, que após sua privatização passa a ser controlada pelos agentes hegemônicos, usando dessa forma sua influência, para expulsão dos indesejáveis e imprestáveis, ocorrendo um “apagamento” de grande parte da população que não mais se enquadre no perfil exigido pelo Estado, como segue dizendo Bauman (2001, p.49) “[..] é o privado que coloniza o espaço público, espremendo e expulsando o que quer que não possa ser expresso inteiramente, sem deixar resíduos, no vernáculo dos cuidados, angústias e iniciativas privadas”.

O que irá ocasionar com que setores privados – aqueles realmente beneficiados pela privatização estatal – comandados pelos agentes hegemônicos, realizem dentro da esfera pública o sucateamento, barateamento e fragmentação das políticas públicas, principalmente aquelas voltadas para a sociedade carente. Assim sendo será a própria esfera pública que necessitará de defesas perante esses acontecimentos, como Bauman (2001, 62) prescreve: “agora é a esfera pública que precisa desesperadamente de defesa contra o invasor privado - ainda que, paradoxalmente, não para reduzir, mas para viabilizar a liberdade individual”.

O que podemos entender a partir disso é que, com a “morte” do Estado independente, um novo modelo político surge das suas cinzas, esse agora comandado por políticas externas privadas, que visam o domínio completo da economia. Existe um denominador comum, responsável pelo sucateamento do Estado e conseqüentemente das próprias políticas públicas, e este seria o ator hegemônico – que com o objetivo alcançado – inicia seus planos econômicos e políticos para o favorecimento da população detentora do capital e a exclusão daqueles não o possuem.

Assim concluímos que o surgimento da marginalidade é um dos expoentes da fragmentação e fragilidade do Estado combinados com os objetivos excludentes dos agentes hegemônicos. Mas como podemos relacionar toda a trajetória da marginalidade no objetivo desse trabalho? Utilizaremos como exemplo a obra: *Ergo Proxy (2006)* para traçar um paralelo em nossa discussão.

Na obra citada, o mundo que conhecemos foi destruído após a disseminação de um novo vírus, que extinguiu 85% da raça humana. Ocasionalmente dessa maneira uma requalificação espacial e da própria estrutura da sociedade, levando o que restou do governo a criar cidades-redomas espalhadas ao redor dos continentes. Após alguns séculos o governo se reestruturou e passou a ser comandado por entidades privadas que agora no controle total, iniciou uma “purificação” étnica e social com a intenção de decidir quem iria viver em suas cidades. Aqueles que não foram escolhidos para o “novo mundo” foram descartados a sua própria sorte em um ambiente precário, hostil e radioativo, gerando assim uma parcela de humanos marginalizados empilhados em periferias fora das cidades-redomas.

De tal forma que o “governo” para diminuir problemas futuros, implantou um sistema de estágios intitulado: *programa de integração a nacionalidade*, onde um grupo seletivo dos excluídos é colocado para a realização de trabalhos essenciais como, por exemplo: manutenção de maquinário, coleta de detritos e limpeza urbana. No que diz respeito sobre esse grupo podemos verificar um leque de diversidade que a integra, pode-se destacar: *os doentes, imigrantes e refugiados* que trabalham incontáveis horas, na esperança de serem aprovados para este programa e assim retomarem sua nacionalidade e conseqüentemente seus direitos de cidadãos. É indiscutível que esse dito programa de integração, não passa de uma ferramenta, que os líderes desse então governo, utilizam para obter o controle dessa parcela de humanos, que na esperança – utópica – de reentrarem para a sociedade, trabalham incessantemente para conquistar sua cidadania.

É a partir desta pequena análise referente aos aspectos estruturais e governamentais apresentados na obra em questão, que percebemos algo extremamente importante e que até agora não abordamos, esse quesito diz respeito à própria marginalidade, que no contexto da obra é caracterizada pela invisibilidade e exclusão impostas pelo governo para com essa população. É com essa exclusão que percebemos que os marginalizados perdem seu lugar e os seus direitos como cidadãos, o que os transforma em desgarrados, invisíveis e inexistentes, perante a estrutura social e governamental na qual estão relacionados e inseridos apenas a partir de sua exclusão. Assim sendo, os marginalizados se configuram como uma variante do espectro apátrida, não possuindo vínculos com nenhum sistema de governo, o que reflete a perda de seus direitos como cidadãos.

Com essa perspectiva podemos associar a marginalidade e sua origem na exclusão, ao conceito de “vida nua” proposto pelo filósofo italiano Agamben que, em sua filosofia política, nos traz a vida nua como a vida biológica do homem desprovida de todos os seus direitos em meio aos agentes que deveriam garantir a sua subsistência. Agamben apresenta, portanto, um novo tipo de desproteção e ilegalidade do sujeito, comum as filosofias voltadas a biopolítica na contemporaneidade, que investigam a própria exclusão (jurídica) dos seres vivos. Neste cenário o indivíduo não pode contar com o papel do governo, e é submetido a um estado de exceção, que é desencadeado a partir dos governos e soberanias que ao controlarem o espaço e as estruturas do próprio poder geram a exclusão dos seres humanos que não se submeteram ou se assemelharam as características pregadas e/ou exigidas por eles. Dessa forma constatamos que o motivo e a origem da marginalidade se concretizam a partir da dominação e controle absoluto das soberanias que restringem e destroem os direitos dos homens, como observamos Agamben (2017) descrever:

Os direitos dos homens representam, de fato, antes de tudo, a figura originária da inscrição da vida nua natural na ordem jurídico-político do Estado-nação (AGAMBEN, 2017, p. 28)

Desta forma, podemos compreender que o que caracteriza fundamentalmente um cidadão é a sua inserção na sociedade aparatada pelos seus direitos, e é na perda destes direitos, que a exclusão se consolida. Assim o grupo de indivíduos, agora não mais pertencentes àquela sociedade, se transformam em marginalizados, é na desconstituição e exclusão da própria nação, que compreendemos a sua origem. É sendo resultado da ligação intrínseca do empoderamento dos sistemas governamentais dispostos nas inúmeras camadas da sociedade, e sua correlação aos setores econômicos, que o perfil pós-moderno apresenta-se como um sistema de controle baseado na demanda exclusivamente econômica. Ocorrendo

assim o manuseio e instalação de vetores relacionados ao poderio desses setores que cada vez mais se encontram inseridos nos governos e contam com demandas específicas relacionadas à própria modernização tecnológica. Esse panorama irá produzir uma crescente desigualdade econômica, acentuada para os desfavorecidos, é nesse sentido que Santos (2013, p.81) já abordava que “[.] em nome do progresso e à custa de uma injustiça cada vez maior, uma importante parcela dos recursos nacionais são distribuídos de maneira a beneficiar aqueles que já são ricos”.

Esse seria o recurso mais plausível para a origem da pobreza e conseqüentemente da marginalização, já que a partir dessa estrutura proposta pelos setores da economia, o lucro e a maneira mais rentável de atingi-lo é o principal objetivo, e as desigualdades sociais são mantidas em prol do controle e lucro econômico. O que, como já se vem discutindo, acarreta enormes paradigmas para a sociedade, sendo a marginalização o reflexo desses acontecimentos, tendo em vista que esse grupo de indivíduos é inevitavelmente excluído e invisibilizado das categorias e classes sociais, uma vez que para entrar na faixa social que é a pobreza, precisa-se inicialmente ao menos pertencer a sociedade, um dos privilégios que os marginalizados não possuem.

4 A SOCIEDADE MARGINALIZADA E O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL NAS OBRAS CYBERPUNKS.

4.1 O cyberpunk e o meio técnico-científico-informacional: o estopim da tecnologia e da criminalidade

Com a tecnização difundida por todo o globo, o processo de uniformização é espalhado perante os setores da economia, cultura e política que a partir daqui investirá no desenvolvimento tecnológico e informacional, como discorrido anteriormente. Simultaneamente a esses processos é observado outro fenômeno que se desenvolveu e se consolidou em conjunto a esses eventos, estamos nos referindo a violência e a criminalidade, que nos últimos anos sofreram um aumento considerável. É com o aumento da violência que o medo surge, sendo levado para as cidades - sejam elas grandes ou pequenas - o medo é agora um item indissociável da sociedade contemporânea, fator que é efeito da inserção do capitalismo, que como sabemos e percebemos se foca exclusivamente na obtenção massiva do lucro econômico, descartando os que não são essenciais, o que semeia a exclusão social, como ressalta Pinto e Carneiro (2013, p. 48): “há um aumento também da violência nestas cidades, gerada pelo capitalismo e seu processo de exclusão social, pelo consumo voraz, resultando em criminalidade e marginalidade”.

Nesse âmbito nota-se que com o advento da urbanização, globalização e o surgimento do meio técnico-científico-informacional houve uma série de condições que resultaram no crescimento da criminalidade, sendo a pobreza e marginalidade, consequências destes eventos. Esses fatores contribuem para a difusão do medo presente na sociedade pós-moderna, tendo em vista que no mundo globalizado a competitividade é tida como “religião”, assim desenvolve-se uma constante luta/guerra para saber quem será vitorioso e endeusado, e aqueles que não obtêm êxito ou se adaptam a essa nova realidade acabam sendo distanciados, ou melhor, excluídos. É com todas essas somas que obtemos alguns dos responsáveis pela violência e medo: *a competitividade e a exclusão*, que contribuindo e auxiliando os atores hegemônicos, ramificam-se em toda a estrutura da sociedade, compartilhando e consolidando preconceitos e temores, como podemos ver a seguir.

O medo pode estar presente desde os acontecimentos dos fenômenos naturais, isto é, catástrofes naturais ou consequências humanas geradas pela sociedade atual, como também na violência, exclusão social, miséria, criminalidade, além de outros fatores que impulsionam a expansão dos mercados globais até a geração altamente tecnológica, fruto do atual contexto da globalização. (PINTO e CARNEIRO, 2013, p.50)

Esse agravamento da violência e criminalidade é disseminado na atual fase contemporânea, marcada pelas alterações ocasionadas pela modernização do espaço (onde se vincula o perfil capitalista). É importante frisar que as modernizações e os avanços tecnológicos não se configuram como problema (em si), uma vez que tais avanços trazem consigo investimentos para áreas específicas de conhecimento, o grande problema – aqui – seria para o que serão produzidas e usadas, e quais seus objetivos, tendo em vista que um dos maiores setores de investimentos advindas da tecnização é o do poderio bélico, por exemplo. A partir da criação e do desenvolvimento de armamentos que irão circular no mercado global, verifica-se que por um lado, parte desse equipamento bélico será adquirido por setores de segurança (públicos e privados), porém por outro, esses mesmos dispositivos acabam presentes no mundo da criminalidade, instalando um reinado de violência e caos, que serão convertidos em um medo social e em uma constante sensação de insegurança, no qual.

[...] de fato, é por medo que muitas vezes o ser humano muda seu comportamento e sua forma de se relacionar com o outro, aumentando e diminuindo o grau de coesão entre os agentes. (MELO, 2008, p.75)

Desta forma, o medo se ramifica fazendo os indivíduos e a sociedade – em conjunto – questionarem uns aos outros, semeando a incredibilidade com o próximo. Assim a desconfiança se converte no medo e vice-versa e a suspeita recai sobre os mais pobres, que em sua maioria serão considerados marginais e bandidos, acentuando a desigualdade social e conseqüentemente o aumento da exclusão dessas classes. É nesse contexto que verificamos a perda da funcionalidade do Estado, que deveria preservar manter e garantir os direitos a todos os cidadãos, independente da sua classe social e/ou etnia, esses fatores comungados com os interesses dos agentes hegemônicos vem a desenvolver um estado de exclusão, ocasionando que o medo permaneça constante e a paranoia se espalhe cada vez mais no interior da sociedade, agora maculada por interesses de agentes externos. Essas circunstâncias, no entanto, são planejadas cuidadosamente, pois com a sociedade calcada no medo, seu controle se torna viável.

Assim, o cyberpunk mostra que, conforme o Estado capitalista exerce sua soberania, o controle das estruturas e espaços torna-se mais constante, ocorrendo com que institutos de pesquisa e divulgação de informações, por exemplo, sejam limitados e conseqüentemente a própria liberdade seja gradativamente ferida e perdida, consolidando o que iremos chamar da gênese da distopia social, o que será retratado nas relações políticas e sociais. Essa distopia se desencadeia através de inúmeras facetas, com destaque à exclusão dos mais pobres e vulneráveis, que serão debandados da estrutura central da cidade, sendo realocados – sem

escolha ou dignidade – para as margens da cidade, vomitados e excluídos nas periferias, onde um amontoado de casas e prédios irão comportar os pobres, encenqueiros, doentes e criminosos. Com essa “limpeza” estrutural, o Estado resignifica os espaços agora prontos para receber as elites, estabelecendo locais para moradia e desenvolvimento do comércio, livre de marginais e pobres.

Essa requalificação espacial, proposta e aplicada pelo Estado vem a se concretizar fortemente na sociedade contemporânea, que na mesma medida em que cria as periferias, também desenvolve espaços *luminosos*, livres da marginalização e pobreza e inclusive (esperava-se) da criminalidade; esses espaços possuem em sua disposição itens, comidas e serviços de primeiro mundo, presentes nas sociedades economicamente mais desenvolvidas. Esta particularidade do desenvolvimento social das cidades está presente foi impulsionada após a consolidação do meio técnico-científico-informacional, que desencadeou a possibilidade da inserção desses espaços luminosos nas cidades, e em contra partida a essa utopia proporcionada pela luminosidade dos organismos urbanos, possibilitou também o surgimento dos espaços opacos, habitados pelos excluídos, que são obrigados a lutar diariamente para conseguir viver um dia de cada vez. Os espaços opacos são, no seio desta composição, constituídos pela vivência da marginalização social. Tanto os espaços *luminosos* quanto os *opacos* são abordados por Santos (2013) que explica que:

Hoje, a ‘naturalidade’ do objeto técnico – uma mecânica repetitiva, um sistema de gestos sem surpresa –, essa historização da metafísica, crava no organismo urbano áreas ‘luminosas’ constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao resto da cidade, onde vivem os pobres, nas zonas urbanas ‘opacas’. Estas são os espaços do aproximativo e não (como as zonas luminosas) espaços de exatidão, são espaços inorgânicos, abertos e não espaços racionalizados e racionalizadores são espaços da lentidão e não da vertigem. (SANTOS, 2013, p.79)

Ao intencionar-se como espaço luminoso, a cidade começa sua peregrinação para a exclusão, invisibilizando os mais vulneráveis, que sem opção de melhoria socioeconômica acabam por aderir e desenvolver a difamação do caráter humano, envolvendo-se na criminalidade e disseminando a violência na cidade, que conseqüentemente será violentada por esses “infratores”. É notável que a adesão por políticas que presam por melhorias explicitamente econômicas revele um viés de caráter predatório, isto é, baseado na ideologia e planos dos próprios agentes hegemônicos, que por ventura tencionam apenas o ganho pessoal, e por isso acabam por transformar as cidades (anteriormente criadas e desenvolvidas para serem espaços de vivência) em um espaço necrosado. Com essa perspectiva podemos visualizar que o intuito desses grupos marginalizados não é, em uma primeira instância,

puramente malignos ou pelo menos não tem esse objetivo, esses grupos visionam a luta pela própria sobrevivência, que como efeito dominó se interliga com a violência humana e espiritual, conferindo assim com que a pobreza urbana seja interpretada como vontade própria do indivíduo e não como uma consequência da morte estatal e civil. Nesse caso vincula-se que a pobreza urbana é calcada por particularidades previstas e exemplificadas por Souza (2005) que observa:

[...] a pobreza urbana se reveste de peculiaridades, tanto por conta de suas formas de expressão espacial características (favelas, periferias pobres, áreas de obsolescência), quanto por causa das estratégias de sobrevivência legais e ilegais, que a ela se vinculam (do comércio ambulante ao tráfico de drogas de varejo). (SOUZA, 2005, p.82-83)

Ademais podemos considerar que a alcunha da modernização e tecnização da sociedade são, em conjunto, um dos vetores responsáveis pelo estopim da criminalidade, não por sua própria existência, mas pelo envolvimento de fatores externos – principalmente no viés abordado anteriormente. Seja por parte específica de um governo ou soberania que lucra e se promove através do extermínio ou pelas modificações espaciais que tornam esse grupo fragilizado, é a própria exclusão social, junto da perda da humanização por partes internas da sociedade, que resultam em uma criminalidade em constante ascensão, e neste cenário o crime em si é tido não como um caminho, mas como uma “opção” viável para os marginalizados e excluídos. Em ambos os casos o crime se apresenta como um tumor nas grandes metrópoles, pois nestas o crime passa a ser visto como um elo entre as classes mais baixas da sociedade, como Souza (2005) já ilustrava:

[...] o crime se apresenta como uma “opção” aceitável quando os indivíduos percebem ou creem que as “opções” conformes à lei e mais convenientes para a parcela privilegiada da população, como resignar-se a salários miseráveis ou a esmolar, não valem a pena ou são ainda piores que os riscos e sofrimentos que uma “carreira” criminoso acarreta. (SOUZA, 2005, p.87)

Na relação entre crime e castigo, é indiscutível que a punição para a criminalidade, no que se refere à população pobre e marginalizada, seja a prisão (ou a morte), isso, pois a partir dos preconceitos estruturais enraizados na sociedade verifica-se que os pertencentes à minoria social, são elevados e confirmados como responsáveis por essa criminalidade e violência. Podemos averiguar dessa forma, que a própria segregação social, tanto quanto a racial, é o pontífice entre desigualdade e criminalidade, que condicionados pela estrutura social capitalista – presente especialmente no interior das zonas urbanas -, resulta nos excluídos. Estes agora da própria cidade, calhando que não haja outra maneira de sobreviver a não ser o seu envolvimento com o mercado ilegal e/ou criminalidade, assim esses fatores são tidos

como uma retroalimentação das desigualdades sociais presentes na sociedade, como destaca Souza (2005).

[...] a segregação está entrelaçada com disparidades estruturais na distribuição da riqueza socialmente gerada e do poder. A segregação deriva de desigualdades e, ao mesmo tempo, retroalimenta desigualdades (retroalimentação positiva), ao condicionar a perpetuação de preconceitos e a existência de intolerância e conflitos. (SOUZA, 2005, p.84)

A essa maneira a relação e entre segregação e criminalidade é de um vícios enorme e contínuo, uma vez que, para ocorrer o distanciamento e exclusão de uma parcela da população há a necessidade e um mandante (líder) nessa exclusão. É nítido que a segregação social não é um fenômeno criado e surgido no presente, mas sim desde o entendimento e a compreensão da sociedade de classes, visto que essas resoluções já estão inseridas na obscuridade da sociedade humana. Um exemplo que podemos usar, e (infelizmente) demonstrar, é o surgimento dos *campos de concentração* que se solidificaram a partir do estado de exceção (introduzido no capítulo anterior), este último incentivado e projetado pela soberania de governos que executam a lei marcial. Assim, o campo de concentração, segundo Agamben (2017, p.42), “é o espaço que se abre quando o estado de exceção começa a se tornar regra”, ou seja, quando se estabelece um paradigma tal qual a exclusão e desumanização do indivíduo é expediente necessário para manter a "estabilidade social" construída até aquele momento. Este princípio se estende à exclusão dos indivíduos da forma como a compreendemos neste contexto da marginalização, onde aqueles que não condizem com as características sociais e étnicas pregadas por esta liderança (neste caso os agentes hegemônicos), são relegados ao "campo", que é o espaço reservado para o deslocamento e “reorganização” da população em destaque, por esse motivo:

[...] teremos que admitir, então, que nos encontramos virtualmente em presença de um campo todas as vezes em que for criada um estrutura semelhante, independente da entidade dos crimes que são cometidos ali e qualquer que seja a sua denominação e topografia específica . (AGAMBEN, 2017, p.45)

Nesse caso verificamos que as próprias periferias, encontradas nas grandes cidades metropolitanas, se enquadram na descrição primordial do campo da forma como o concebe Agamben, uma vez que são habitadas por renegados da sociedade, excluídos, invisíveis e pobres. Há semelhanças notáveis entre a constituição dos campos e esses espaços, por exemplo, a falta dos direitos humanos, condições de vida dignas e capacidade de opinião política, mas acima de tudo, na medida em que firma a inserção dessa população na marginalidade, contra sua vontade. Esse enquadramento e essas características duras do que viria a ser o campo estão presentes no mundo inteiro, uma vez que as concepções que fizeram

possíveis o seu surgimento ainda são perpetuadas enquanto agentes da exclusão, e justamente por ser algo inadmissível é algo que é constantemente apagado da memória da maioria ou mascarado, todos lembram a barbárie, porém poucos discernem as estruturas sociopolíticas que a permitiram e até que ponto estas perduram. Mas não seria um equívoco ou tabu fazer tamanha aliteração a respeito de um tema tão delicado como esse, uma vez que a própria exclusão social presente no âmago da nossa sociedade contemporânea é um reflexo dos alicerces implantados pela soberania, que utilizou dessa discriminação para a consolidação destes espaços de exceção.

Em suma podemos concluir que desde a solidificação e controle das massas a partir de entidades soberanas, caracterizadas pelos modelos governamentais nos diversos países do mundo que se submetem a uma estrutura par, orientada pelos agentes hegemônicos da economia e política, é iniciado um processo desencadeado pela inserção destes agentes nos parâmetros estatais, em que é aberto um leque de possibilidades para a exclusão dos mais pobres e marginalizados. Essa vertente de estruturação, não só das cidades, mas da sociedade como um todo, é responsável pelo aumento da criminalidade, mas também por uma resposta energética e desproporcional a mesma, que se configura com as forças bélicas, tais como policiais e militares que obedecem à soberania em vigor. São eles os responsáveis pela execução das normas estabelecidas por essas entidades que propagam e disseminam a lei marcial, obedecendo cegamente e se tornando a força da soberania na realocação e exclusão da população pobre e marginal. É notório que a partir dessas configurações de poder e controle, a necessidade de sobrevivência dos vulneráveis e invisíveis acaba por consolidar seu envolvimento com a ilegalidade, esse enquadramento motiva a criação de um inimigo comum, que será institucionalizado. Surgem, portanto, forças policiais a comando da soberania estatal, combinadas com diretrizes televisivas que aumentam o medo e a dúvida, e tentam justificar a partir disso o fato de ultrapassarem os limites dos indivíduos. Essas forças funcionam quebrando as barreiras que tornam cidadãos os inseridos na marginalidade, ao efetuarem buscas e apreensões de mais do que bens materiais, de uma parcela da dignidade desse povo, assim estabelecendo e intensificando o medo social e a criminalidade que já recai sobre os desafortunados.

4.2 Os agentes hegemônicos globais e a crescente marginalização da sociedade

Como visto anteriormente, a partir dos avanços da globalização o mundo passou por processos de aprofundamento na integração dos setores econômicos, políticos, sociais e

culturais, havendo dessa forma o barateamento dos meios de transporte e comunicação nos diversos países ao redor do mundo, processos esses ocorridos no final do século XX e início do século XXI. Esses processos de globalização acarretaram inúmeras mudanças e dentre elas a uniformização dos hábitos ao redor do planeta, assim contribuindo para a perda da identidade cultural e regional. Essas mudanças e processos desencadearam uma esquizofrenia socioeconômica advinda do consumo imparável que se consolidou na sociedade pós-moderna, originando dessa maneira uma relação dicotômica entre o consumo desenfreado e o enriquecimento contínuo dos grupos hegemônicos inseridos na sociedade.

Dessa forma o aumento do poder desses grupos tomou proporções inimagináveis, sendo agora possível localizar e identificar sua sombra nos diversos setores do Estado, que com o passar das décadas perdeu sua função como responsável pela manutenção do direito civil e político, assim verificamos segundo Kumasaca e Viegaz (2015).

O Estado não é mais responsável direto pela política, já que sofre não apenas a influência indireta, mas em muitos casos a atuação direta das grandes corporações responsáveis pela manutenção econômica das nações. (KUMASACA e VIEGAZ, 2015, p.149)

Essas grandes corporações associadas com os atores hegemônicos tomou posse das responsabilidades estatais, sucateando-as e transformando-as em sua própria propriedade, fator esse que levou ao atrelamento do desenvolvimento – esse contínuo – da globalização, gerando com que a hegemonia empresarial tomasse o controle absoluto do Estado, passando agora a ditar suas regras e ritmo no mundo, sobretudo agora que a economia e política tornou-se tecnizada. Eventos esses descritos a partir da década de 70 e/ou 80, onde emergiu e se consolidou o meio técnico-científico, dessa forma é possível notar segundo Kumasaca e Viegaz (2015).

Este domínio de novos atores, em termos globais, coloca não mais os Estados como principais vetores da vida em sociedade, mas sim as grandes corporações que passam a ditar os aspectos da vida humana, desde a formação social até os modos de se portar, acabam passando não pelo regramento público e sim do privado-empresarial. (KUMASACA e VIEGAZ, 2015, p.156).

Com a inserção dos atores hegemônicos, agora abalizados como sendo as megacorporações, podemos notar suas participações diretas no próprio Estado, ocasionando dessa maneira com que seus interesses sejam executados e conquistados prioritariamente. É nessa perspectiva que voltamos a enxergar a semelhança entre o nosso mundo (real) e o mundo cyberpunk (fictício), o qual apresenta seu universo controlado por megacorporações que substituem o próprio governo e Estado, nesse caso é passível visualizar a concretização

de mundo controlado por essas organizações empresariais, adotadas como a salvação do presente e futuro, tendo como principal objetivo a substituição de entidades públicas por privadas, para que desempenhem sua doutrina. Para os atores hegemônicos, realizar essa substituição acarreta que os problemas sociais e econômicos se resolvam, uma vez que o problema da sociedade é a incapacidade dos setores públicos na administração dos serviços. O que não difere muito da nossa realidade, pautada agora no neoliberalismo e na venda de órgãos e setores públicos, também no nosso caso é perceptível a solidificação dos atores hegemônicos na estrutura estatal e governamental e a ocorrência dessas conquistas que já são verídicas.

Um exemplo que podemos usar se encontra em *Periféricos (2020)* livro escrito por Gibson, no qual ele se debruça sobre um futuro próximo onde os empregos se tornaram escassos devido à crise econômica, ocasionando com que seus habitantes precisem ingressar na clandestinidade. Diferente do habitual, o livro traz uma abordagem fora do padrão que conhecemos do cyberpunk, focando no *mundo presente*⁵ acompanhando a história dos irmãos Flynne e Burton e sua longa sobrevivência nesse mundo pós-crise. Os personagens presenciam um assassinato envolvendo armas tecnobiológicas vindas do futuro, ao adentrarmos cada vez mais na história, descobrimos que estas são desenvolvidas como resultado de uma guerra entre conglomerados empresariais que disputam o controle do governo americano, financiando guerras entre gangues, a serviço dessas empresas, para propagar o caos nas cidades e sucatear o Estado, na intenção de apresentar soluções para os problemas criados por eles mesmos. A cada página podemos perceber como Gibson aborda questionamentos envolvendo a inserção descontrolada dos agentes hegemônicos na atual sociedade e como essa ligação entre governo e empresas, acarreta uma guerra comercial tendo como objetivo o controle social.

A essa maneira imergimos no universo cyberpunk e nos deparamos com questionamentos referentes ao nosso mundo, desenvolvendo uma visão crítica que possa estabelecer uma conexão entre o universo ficcional e a nossa realidade. Em um primeiro contato podemos destacar eventos atuais, como a guerra pelo controle dos governos e estados por entidades privadas, que controlam o ritmo do mercado e suas vertentes, como a economia e a política. Assim é nítido que a sociedade vem passando por uma perca constante de

⁵ Contextualizando, o “mundo presente” se refere ao tempo ambientado na obra. Gibson ao desenvolver os diálogos entre personagens omite tanto o século como ano em que se passa a história, ocasionando com que sua crítica a guerra empresarial e consequentemente seus resultados passe a ser atemporal, independente do ano que seja feita a sua leitura.

liberdade, uma vez que, nos é apresentado produtos não essenciais, sendo vendidos como uma revolução tecnológica que mudará a vida de seus consumidores, dessa forma nos é afirmado, segundo Kumasaca e Viegaz (2015, p. 159), que “os homens, antes livres, passam a estar presos aos ditames do mercado consumidor, que orienta cada passo da pós-modernidade”.

Esses eventos nos remetem a internacionalização do capital financeiro, que se desenvolveu a partir dos investimentos das megacorporações que possuíam o capital e de certa forma a partir de incentivos de empresas financeiras. A soma desses dois itens iniciou os eventos encontrados na pós-modernidade, guiados por uma compulsão desenvolvida pelas megacorporações na conquista do poder estatal, tendo em vista que seus investimentos desencadeiam o sucateamento dos órgãos públicos, possibilitando a venda desses órgãos, e aproximando-os cada vez mais de seus objetivos: o controle e reforma estatal-governamental. Dessa forma o desenvolvimento dessas empresas e seu investimento de capital, de acordo com Santos (2020, p. 44) “[...] move a economia e a deforma, levando seus tentáculos a todos os aspectos da vida”.

É a partir desses meios que se inicia o sucateamento dos órgãos públicos, ocorrendo com que sejam vendidos para setores privados, esses setores agora no controle de entidades e órgãos públicos projetam sua imagem e características na esfera particular, focando seus investimentos nos setores mais rentáveis e descartando e/ou fechando estabelecimentos que não contribuam para o crescimento econômico almejado pelos atores hegemônicos. Todos esses eventos abrem caminho para que haja uma crescente desigualdade social, tendo em vista que um número ínfimo da população possui o capital necessário para manter-se estável socioeconomicamente. É a partir desse distanciamento entre a população mais rica e a mais carente, consequência do aumento na desigualdade, que se desencadeia uma crescente na marginalização, levando em consideração a privação de qualquer melhoria ou estabilidade financeira. Nessa perspectiva Santos (2020, p.44) já deixava claro que “seria lícito falar da tirania do dinheiro”, uma vez que para se manter com um mínimo de dignidade é necessária uma quantia razoável de capital, e por isso, nesse quesito o capital seria tido como tirano, já que sua divisão não ocorre de maneira igualitária, como explica Santos (2020).

[...] ser pobre não é apenas ganhar menos que uma soma arbitrariamente fixada; ser pobre é participar de uma situação estrutural, com uma posição relativa inferior dentro da sociedade como um todo. (SANTOS, 2020, p. 59)

Essa relação de superioridade e inferioridade monetária é uma das responsáveis pelo mundo de exclusão onde a população pobre e marginal vive, uma vez que o controle dos

setores privados em conjunto com os atores hegemônicos agrava a exclusão e invisibilidade a partir da desproteção social, criando uma insegurança tanto social como financeira, obrigando essa parcela da sociedade a ingressar na clandestinidade e até mesmo na criminalidade, propagando assim o medo social e a incredibilidade nessa população. O que de acordo Santos (2020) é somado com:

[...] o processo de conformação da opinião pelas mídias, um dado importante no movimento de alienação trazido com a substituição do debate civilizatório pelo discurso único do mercado. (SANTOS, 2020, p. 60)

Ademais é através das mídias televisivas em comunhão aos atores hegemônicos que ocorre a divulgação e caça incessante a esse grupo específico de humanos, o que nos faz crer que seus pertencentes são os responsáveis pela propagação da criminalidade, uma vez que é o seu rosto que está estampado diariamente nos telejornais e furos sensacionalistas. Assim, esses aspectos levam a crer que as minorias, pobres e marginais são de fato responsáveis pela insegurança social, o que nos faz levantar o próximo questionamento, que é: como que a ascensão dessa classe minoritária é responsável por todo e qualquer hábito maligno encontrado e difundido na sociedade? Seria o meio técnico-científico o estopim dessa crescente marginalidade? De fato trata-se de um questionamento passível de inúmeras horas de debate, e é pensando nesse aspecto que a seguir será debatido esse quesito, com o objetivo de (talvez) responder e alcançar um ponto final nessa incansável dúvida.

4.3 A ascensão dos excluídos: o meio técnico-científico e a dimensão da exclusão

Antes de determinar se realmente o meio técnico-científico ocasionam os problemas debatidos até o presente momento, precisamos entender outro lado da globalização, o que se configura como sendo o da perversidade universal. Constituída como uma fábrica de perversidade, a globalização vem semeando o incessante crescimento do desemprego, que alavanca a pobreza e desencadeia a perda da qualidade de vida, generalizando a fome e o desabrigo numa escala global. Esses fenômenos também refletem na educação mundial, cada vez mais restrita para as classes pobres, - aumentando, por exemplo, o analfabetismo funcional na população - principalmente quando fazemos um recorte a respeito dessas características nos países subdesenvolvidos.

Constatamos neste caso a inutilização da população carente, que a partir da retirada dos seus direitos básicos (saúde, lazer, bem-estar social, etc.) se veem obrigadas a largar o ensino e ir em busca de empregos; mas é nessa busca, que se deparam com o desemprego crônico espalhado nos inúmeros continentes. O que provoca uma debandada daqueles que se

veem obrigados a buscar novas fontes de renda na clandestinidade, enraizando uma “perversidade sistêmica”, como nos mostra Santos (2020).

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização. (SANTOS, 2020, p. 20)

Dessa maneira, é evidente que com esses eventos descritos, a globalização seria tida como o ápice da internacionalização do sistema capitalista que se ramificou nos diversos setores do mundo e influenciou o próprio meio técnico, uma vez que o meio sé a resposta geográfica para o processo de globalização. Assim sua estabilização no mundo atual representa a chegada da técnica e da informação, por meio da cibernética calcada na tecnologia e na ciência. Com todos esses fatores implantados no mundo, pensava-se que seus benefícios seriam propagados pelo globo, independente das classes econômicas e sociais, no entanto, é com o advento das modernizações que sua posse se tornou parte das grandes empresas globais, reivindicando para si essas técnicas e descobertas. Estabelecendo que sua utilização seja primeiramente aplicada a entidades privadas em função dos seus próprios objetivos particulares ao invés da utilização mundial, são essas novas descobertas que serão vendidas e comercializadas por quem tiver mais capital, o que Santos (2020) já alertava.

[...] as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. (SANTOS, 2020, p. 39)

Assim o desenvolver dessas tecnologias afetam também a população, que influenciada por essa nova face estrutural, acaba sendo obrigada a se deslocar – contra sua vontade – para os arredores das grandes metrópoles, surgindo desta forma as periferias, que inseridas dentro do sistema capitalista acabam se tornando ainda mais cruéis, intensificadas pelo aumento desenfreado das desigualdades sociais, fruto do sistema que as abrigam. Nessa condição averigua-se um círculo vicioso, onde muitos tendem a procurar a obtenção de dinheiro para saciar suas demandas pessoais, os que não conseguem obter esse sacramento se veem obrigados a desempenhar funções duvidosas e/ou criminosas, com o objetivo de se manter vivos; essa busca desenfreada por capital – gerada por entidades externas – ocasiona severas consequências, dentre elas o desamparo e o medo de não conseguir o mínimo para a sobrevivência diária de seus familiares, assim o dinheiro mostra seu verdadeiro estado puro: o

da perversidade, espalhando dessa forma uma naturalização da pobreza, como mostra Santos (2020).

Alcancamos, assim, uma espécie de naturalização da pobreza, que seria politicamente produzida pelos atores globais com a colaboração dos governos nacionais e contrariamente as situações precedentes, com a convivência de intelectuais contratados – ou apenas contratados – para legitimar essa naturalização. (SANTOS, 2020, p. 72)

Com esse caso podemos aferir o próprio envolvimento de governos nacionais, em parceria com empresas/atores globais, na proliferação da pobreza, tanto locais como mundiais. Estes comungam no plano de instalar uma pobreza estrutural, transformando-a em uma pobreza politicamente orquestrada pelos atores hegemônicos, disseminando ainda mais as desigualdades e estabelecendo uma pobreza mundial e irreversível, assim os pobres e marginais são excluídos da sociedade pelas entidades que deveriam se preocupar e protegê-los. Esses atores, sejam empresas ou Estado, enxergam apenas a obtenção do lucro, suas conquistas de crescimento, mesmo que com tais consequências, uma vez que dentro da globalização tudo é maleável e gera dinheiro, assim como afirmava Santos (2020, p.81) “[...] todo e qualquer pedaço de superfície da Terra se torna funcional às necessidades”.

Eis que, em tal processo, está a razão da exclusão da classe pobre, os pobres mesmo vivendo na pobreza extrema possuem uma localidade física espacial, um terreno, um pedaço de terra, mesmo localizado no morro. É um pedaço de terra que com alguns ajustes pode se transformar em uma fonte de dinheiro, como podemos observar na transformação do uso da terra, que se valoriza com a construção de shoppings e/ou complexos residenciais de alto luxo. É, portanto, a obtenção de capital e lucro que extermina os excluídos e move as razões dos governos e empresas. Afirmamos dessa maneira que o meio técnico-científico ocasiona a exclusão? Não seria fácil confirmar ou negar, mas o que pode ser apreendido, e será repassado e debatido, é que esse meio contribui para a ascensão dessa exclusão.

Basta rever os acontecimentos mundiais que se desenvolveram a partir de seu surgimento, a ascensão de empresas privadas, tal como o sucateamento da educação básica e de serviços essenciais para a sobrevivência humana. Esses fatores ocorridos desde sua instalação contradizem sua própria função e objetivo, a da propagação simultânea de conhecimento e tecnologia investidos para um bem maior. A razão disto fica nítida com o envolvimento de uma via tripla no seu desempenho: empresas privadas que controlam e visam lucro próprio, e que possuem capital para apropriação de técnicas e tecnologias que melhorariam a vida humana. Ou seja, o meio técnico-científico não é o responsável direto

pelo crescimento da exclusão social e pobreza, mas sim por expressar espacialmente as novas formas de exclusão impostas pela globalização, que servem ao seu único propósito de vida, o controle absoluto dos modelos de governo e a acumulação de capital massivo, igualmente ilustrado dentro do cyberpunk.

4.4 Cyberpunk vs. O meio técnico-científico: o real dentro do fictício.

Após esse longo percurso, chegamos aos primórdios do nosso debate, no qual propomos como que o cyberpunk se interliga com o meio técnico-científico-informacional e como podemos fazer essa correlação entre o real e o dito imaginário/fictício? Para a obtenção dessa resposta, é necessário obter em primeira instância as nuances equivalentes a ambos os conceitos. Como apresentado no primeiro capítulo, a etimologia da palavra *cyberpunk* tem sua origem linguística na cibernética, que porventura é originalmente derivada da palavra *governador*, ou melhor, na arte de governar. Tanto o cyberpunk quanto o meio técnico-científico se baseiam fortemente na ciência e informação, e quem a domina possui a capacidade de controlar o mundo e intervir da maneira que quiser em seu andar. Dessa forma, podemos afirmar que a informação é uma das maneiras passíveis de governar, sendo mais específico, Santos (2013) descreve que:

[...] informar é também governar. Quando aplicada à produção, governada por interesses estranhos à área, a informação é geradora de uma entropia, uma desorganização, antes que o detentor da informação reorganize o sistema em seu próprio proveito. A densidade informacional requerida em uma área crítica é a que permita descobrir os caminhos possíveis para harmonizar os interesses locais com os vetores da modernidade. (SANTOS, 2013, p. 110)

No âmbito cyberpunk, podemos averiguar eventos apocalípticos que incitaram guerras entre megacorporações no intuito de conquistar territórios e dominar fontes econômicas e governamentais, gerando consequências devastadoras para a própria sociedade. Em suma, ao adentrarmos em sua estrutura narrativa/visual notamos que com a chegada dos avanços tecnológicos, fruto de anos de progresso científico, a sociedade e sua estrutura foram consolidando itens *high-tech*, e nessa progressão tornando a infraestrutura das cidades caótica e densa, agora nesse mundo podemos visualizar carros voadores, indústria de clonagem, androides altamente humanizados, implantes cibernéticos que substituem olhos, braços e até órgãos humanos. Mas ao mesmo tempo em que essas tecnologias se concretizam como divindades apostólicas (possibilitando com que, até certo ponto, possa ser evitada a morte) a propagação de informação foi passo a passo se tornando restrita, pois com seu mundo substituído e controlado por conglomerados empresariais, a informação foi reorganizada a

uma nova maneira. E esta maneira é constituída ao evitar com que informações, tidas como suspeitas, e que vão contra os objetivos capitais, sejam disseminadas, retirando-as de circulação, ocasionando uma utopia para as classes altas, de uma cidade que é o paraíso terrestre. Enquanto isso a classe subjulgada tem que enfrentar o inferno nesta mesmo espaço, que se concretiza a partir do aumento do desemprego, homicídios e pobreza eminente. Neste sentido Santos (2006, p. 160) já enfatizava que “a informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são desse modo, equipados para facilitar a sua circulação”, assim quem a controla também controla o mundo, uma vez que a própria informação seja um vetor de importância imensa para a compreensão da sociedade e do próprio espaço geográfico.

Saindo do espectro ficcional, as semelhanças presentes em direção do meio técnico-científico são indissociáveis, peguemos, por exemplo, a questão da informação, que no nosso âmbito se encontra diluída em quaisquer meios, através da tecnologia, seja o celular, a televisão, ou por blogs e sites jornalístico; a informação é universal e onipresente, mas até que ponto? Como explorado anteriormente, o poder da informação traz resultados para aqueles que a dominam, e com a sua crescente universalidade, a informação se transformou em barganha, e seu valor ultrapassa o dólar ou petróleo, sua importância é tamanha, que mesmo nesse sistema capitalista, em que o dinheiro ainda é o mandante do mundo, o preço da informação se equipara ao dos bens mais valorizados da sociedade capitalista. Entendemos assim que o pré-requisito da liderança mundial é o conhecimento avassalador e onipresente da informação, que caminha de mãos dadas com os valores econômicos e políticos da humanidade.

Nesse véis a necessidade da técnica e da política é a de obtenção do conhecimento, justificando o investimento em tecnologias de reconhecimento e coleta de dados simultâneos, ter se transformado em um novo tipo de corrida espacial, onde empresas internacionais desenvolvem ferrenhamente tecnologias para a venda (e roubo) de dados. Surgem, deste modo, células dentro das multinacionais voltadas exclusivamente para a quebra de sigilos e coleta dessas informações, podemos levar em conta, nesse caso específico, a contratação e a utilização de *crackers*⁶ para essa coleta. Proporcionado uma população vigiada constantemente, o que provoca uma onda de suspeitas e inquéritos que resulta, mais uma vez,

⁶ Crackers: um grupo ou indivíduo que utilizam o conhecimento em informática, computação e demais tecnologias para invadir ilegalmente sistemas, sites, servidores, bancos de dados etc. Em alguns casos, o objetivo é apenas testar a vulnerabilidade dos serviços, mas, em outros, é obter algum ganho financeiro ou pessoal.

em um descontrole cabal, efeito do medo social. O que é verdadeiramente semelhante ao que encontramos no cyberpunk, um mundo calcado no medo social e nas vendas de informações para setores privados. Nesse meio termo entre ficcional e real, podemos constatar a relação dos atores hegemônicos e da política, que com o intuito de obter controle demasiado da sociedade, acaba tomando medidas extremas, sem pensar os interesses sociais e dessa maneira aumentando as crises econômicas e sociais, Santos (2020) já pensava essas consequências ao nos revelar que.

[...] graças ao casamento entre as técnicas normativas e a normalização técnica e política da ação correspondente, a própria política acaba por instalar-se em todos os interstícios do corpo social, seja como necessidade para o exercício das ações dominantes, seja como reação a essas mesmas ações. Mas não é propriamente de política que se trata, mas de simples acúmulo de normatizações particularistas, conduzidas por atores privados que ignoram o interesse social ou que o tratam de modo residual. É uma outra razão pela qual a situação normal é de crise, ainda que os famosos equilíbrios macroeconômicos se instalem. (SANTOS, 2020, p. 36)

Nesse caso, a importância da informação na contemporaneidade é elevada ao *status quo*, em um mundo interligado pelas redes, a sua obtenção e manuseio se transforma em uma entidade poderosa, que em comunhão aos novos meios técnicos propaga o seu discernimento. Podemos levantar uma problemática em volta desses novos modelos técnicos, no que diz respeito a sua capacidade de manuseio, uma vez que, para os países subdesenvolvidos a possibilidade de captação é reduzida, senão inviável, (seja pelo alto custo dos investimentos ou da falta de equipamentos específicos, ou mão de obra qualificada, etc.) distanciando esses países e aumentando as desigualdades em relação aos países de primeiro mundo, detentores de uma estrutura e investidores (bancos, empresas privadas, capital, etc.) capazes de habilitar e controlar tais informações. Assim de acordo com Santos (2013, p.118) “[...] a impulsão que recebem esses conjuntos técnicos atuais (ou suas frações) é única, vinda de uma só fonte, a mais-valia tornada mundial ou mundializada, por intermédio das firmas e dos bancos internacionais”.

Com essa perspectiva pode se confirmar o distanciamento entre países *mandantes* e *receptores*; para os países mandantes aqueles estruturalmente capazes de manusear, obter e controlar as novas técnicas informacionais, estas contribuem para um desenvolvimento frenético, aumentando a economia e poderio. Esses são, logo, os beneficiários dos investidores privados, atuados pelos agentes hegemônicos, que reestruturam sua organização espacial e contemplam suas espacialidades. Do outro lado, os países receptores (aqueles subdesenvolvidos) são apartados dos benefícios desenvolvidos por esses atores, recebendo frações e/ou migalhas de sua prosperidade, assim apresentando cada vez mais um

desnívelamento global. O que acarreta inúmeros problemas socioespaciais, tais como: a repartição econômica e estrutural do território, desemprego crônico, fome, etc.

Em paralelo com literatura, é possível observar dentro do cyberpunk uma estrutura correspondente a esses eventos, na medida em que o subgênero é caracterizado pela quebra das barreiras literárias, e seus autores espalham críticas que se desenrolam em uma relação dicotômica entre a realidade vivida nas ruas e a ficcional apresentada em suas obras, relacionando assim os movimentos socioculturais presentes no nosso tempo com as “invasões” tecnológicas dominantes no mundo contemporâneo. Como indaga Amaral (2006, p. 217) “mais de vinte anos após o seu surgimento, a estética cyberpunk da fusão homem-máquina permanece na cultura pop, em suas visões distópicas, soturnas e perigosas acerca dos efeitos das tecnologias, em uma ficção social que parte de uma tentativa de desvelamento dos mistérios que envolvem a técnica na vida social humana”.

Notamos que apesar do cyberpunk ser originário da literatura, sua crítica e sua existência, em primeira mão, é um retrato prolongado da vivência presenciada por seus autores. Há vinte anos que essas discussões ocorrem, concretizando a própria vinda e inseminação dos meios informacionais, trocando em miúdos, o surgimento do meio técnico-científico é relatado através da literatura ficcional, assim como as consequências da implantação de novas tecnologias na vida social e, por conseguinte, na estrutura da sociedade. Independente da realidade ou do imaginário, a relação entre o cyberpunk e o meio técnico-científico está determinada desde ambas as suas origens, uma vez que a literatura e/ou quaisquer interpretações artísticas (filmes, peças teatrais, música etc.) refletem a realidade situacional do mundo em que é produzida.

4.5 As sociedades marginalizadas: o fantasma do futuro (Ghost in the Shell)

Nos capítulos anteriores vimos alguns elementos que compõe o universo cyberpunk, tanto no seu âmbito estético quanto estrutural, além dos inúmeros fatores que levam sua estrutura social a ser dominada pelo crime e marginalização. Ademais, foi possível analisar o modo como sua estrutura se assemelha com a nossa realidade e também sua relação com o meio técnico-científico-informacional. Desde seu surgimento o meio técnico-científico aparece como plano de fundo nas obras cyberpunks, orquestrando um imaginário tecnológico, principalmente através da estruturação do mundo presentes em tais obras. Assim verificamos que tanto os autores como suas obras, foram influenciados diretamente pelos avanços e intempéries advindas desses novos meios tecnológicos. Dessa forma faz-se necessário

aprofundar os questionamentos impregnados (a partir de uma análise visual) a respeito de como o meio técnico-científico e o cyberpunk trabalham as questões da marginalidade social.

A obra proposta para análise foi originalmente publicada em 1991 por Shirow Masamune, a mesma é marcada pelo surgimento de uma nova tecnologia que permite a fusão entre as funções neurais (o cérebro em si) com a computação, criando um ser híbrido, detentor da onipresença e domínio completo das redes mundiais. O ambiente mostrado em *Ghost in the Shell* é focado nas ramificações éticas, filosóficas e sociais, referentes à mescla entre a humanidade e a tecnologia. Levantando questionamentos sobre o crescimento socioeconômico surgido a partir dessas novas tecnologias, e também das suas repercussões, tais como: o alto número de desempregados, a marginalização social, perda da privacidade e o controle de informações por setores privados. O fato de existir essa relação controversa entre tecnologia e humanidade, nos confirma como as obras cyberpunk estão presentes no nosso cotidiano, que apesar de ser um gênero antes de tudo *underground*⁷, se instala no subconsciente da grande população, isto ocorre devido sua transição para o *mainstream*⁸, em decorrência dos inúmeros produtos e obras feitas para esse gênero. É a partir desse ponto que percebemos as incontáveis críticas feitas a elevação da tecnologia como entidade divina, como nos mostra Amaral (2006).

Não seria incorreto dizer que o cyberpunk se insere tanto em uma tradição prometética (de elevação da tecnologia) quanto fáustica (de oposição à tecnologia), pendendo normalmente para uma corrente humanista, na qual o sujeito – no caso, protagonista dos filmes – toma uma decisão que afetará a humanidade. (AMARAL, 2006, p. 198)

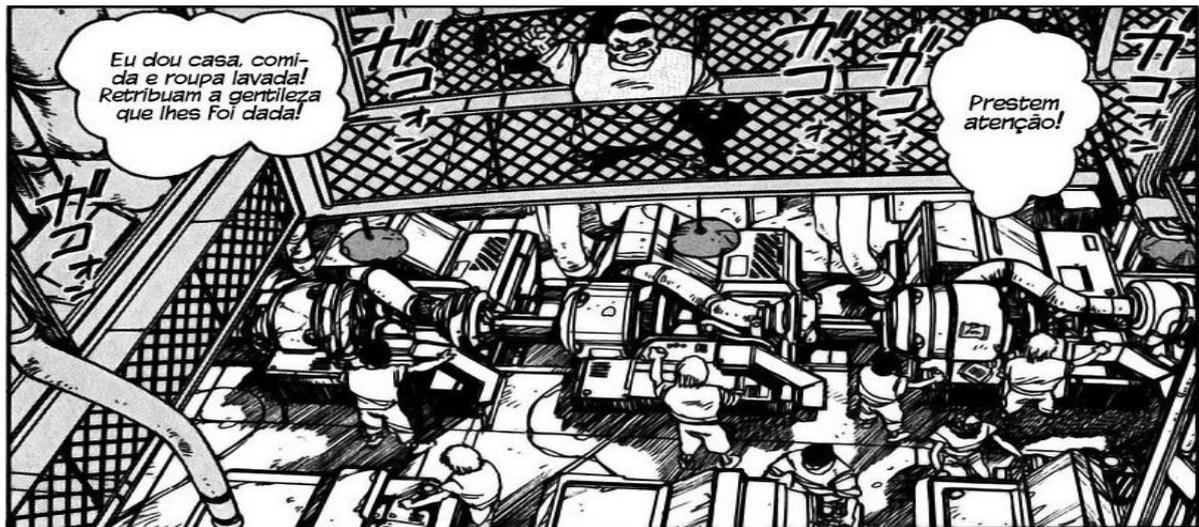
Com essa orientação a utilização da obra *Ghost in the Shell* condiz à necessidade expressiva de introduzir e discutir as questões propostas até o momento, pois estas são postas também por Masamune, de tal forma que ao verificarmos as nuances da obra, notamos a crítica persuasiva a insurgência da tecnologia no mundo real. Isto se torna claro em seu universo, onde o governo, agora comandado pelos atores hegemônicos globais, estabeleceu a economia japonesa como a dominante global, mas ao mesmo tempo em que a economia cresceu ao ponto de torna-los líderes internacionais, os problemas sociais se intensificaram e

⁷ Nesse caso nos referimos à cultura *underground*, em uma tradução literal a cultura do subterrâneo/ submundo. Assim a cultura *underground* é um ambiente sociocultural que foge dos padrões comerciais e/ou modismo da mídia.

⁸ Ao contrário da cultura *underground*, a cultura *mainstream* seria o modelo de pensamento e/ou gosto de caráter popular e dominante, aquilo que é padrão comercial, como por exemplo, os filmes da Marvel, antes era apenas um ínfimo número de pessoas (nerds) que consumiam, mas com a vinda do universo cinematográfico da Marvel (UCM) e seu investimento para o cinema, os filmes antes tidos como coisas de nerds, cdf's se tornaram o gosto da maioria. Consolidando os filmes da Marvel como *mainstream* e forma absoluta de sucesso.

se espalharam consolidando uma sociedade marginalizada e fadada ao escárnio. Exemplificando, podemos observar, de acordo com a figura 1, a retratação de um orfanato administrado pelo governo, que utiliza os órfãos, decorrentes das guerras e pragas que assolam esse mundo, na realização de trabalhos industriais, ocorrendo com que se consolide uma “fábrica de órfãos”.

Figura 1 - Orfanato em Ghost in the Shell.



Fonte: Masamune Shirow, 1991. The Ghost in the Shell, capítulo 1.

Neste panorama contemplamos a contradição, em que no mesmo mundo globalizado e desenvolvido a partir de tecnologias de ponta, podemos encontrar crianças realizando trabalhos desumanos em troca de moradia e comida, e mais, isso enquanto a elite e os setores privados desfrutam os resultados obtidos dessa escravidão moderna. No decorrer da leitura nos deparamos com questionamentos do grupo central dessa história, como mostra a Fig.2.

Figura 2. Os direitos humanos



Fonte: Masamune Shirow, 1991. The Ghost in the Shell, capítulo 1.

A indagação feita nesse quadro nos revela que mesmo nesse universo fictício existem agências e/ou órgãos humanitários, porém seu funcionamento é questionável, uma vez que esses órgãos estão restritos e pertencem aos atores hegemônicos, que como falado anteriormente, encontram-se no poder do governo japonês. É dessa maneira que se pode averiguar que o objetivo do sistema técnico – agora controlado por entidades privadas – é transformar os setores econômicos em uma frequência mercantil para que assim seja alcançado o valor simbólico, que tem a proposta superficial de aparelhar a causa social e/ou humanista para que os atores hegemônicos possam ser tidos como algo esperançoso.

A “fábrica de órfãos” faz parte dessa deturpação, que almeja a manutenção do Estado e a reestruturação socioeconômica a partir de um valor simbólico de salvação econômica, calcado nesse simbolismo que não passa de uma utopia imaginária semeada no ventre da população, que quer acreditar na salvação econômica e pessoal. Esse emaranhado de resultados e progressos econômicos escondem o real objetivo, concretizado aqui como a devastação da relação social, impondo desigualdades veladas dentro dessa estrutura, como afirma Santos.

[...] a esperança de salvação da economia, da integração do mundo, a segurança do progresso, tudo isso são símbolos que nos permitem aceitar a racionalidade do objeto que, na realidade, vem exatamente destroçar a nossa relação com a natureza e impor relações desiguais. (SANTOS, 2013, p.107)

Assim com o avanço tecnológico, principalmente nos setores industriais, a necessidade de mão de obra cresceu, havendo o desenvolvimento e criação de máquinas e itens robóticos para suprir esta necessidade, isso demonstra como os meios técnicos vem sendo atualizados desde os primórdios da revolução industrial, buscando sempre o modelo fordista de sua geração, ambicionando a redução do tempo de produção e de custo. As tecnologias e modelos industriais adotaram medidas mais evolutivas para o manuseio e fabricação de itens, em decorrência disso o trabalho que precisava de humanos passou a ser menos recorrente, concomitantemente a esses eventos, dentro das histórias de ficção científica (FC), a evolução dos setores industriais passou por medidas extremas, nelas a substituição de humanos ocorreu de forma unilateral, os ciborgues/androides passaram a exercer tais tarefas, resultando no aumento drástico e imediato da pobreza e marginalidade.

Neste contexto ficcional a luta pela sobrevivência passou a ser o objetivo desesperados desta parcela da população, que se veem obrigados a matar e/ou se digladiar atrás de comida; como podemos observar na Figura 3. É nítido que os eventos do fordismo, revolução industrial e o avanço tecnológico, não passaram despercebidos dentro do antro ficcional, de

tal maneira que a utilização de ciborgues é, expressamente, uma mera crítica a esses formatos industriais.

Figura 3 - A marginalização



Fonte: Masamune Shirow, 2001. *The Ghost in the Shell 2.0*

Nessa última parte, podemos averiguar o avanço da sociedade marginal e pobre, que como já foi comentado anteriormente, é decorrente dos objetivos particulares dos setores privados que não almejam estabilizar e/ou sanar as desigualdades sociais, mas o controle absoluto das riquezas mundiais, o que demonstra o seu real arquétipo, a perversidade. Com isso em mente notamos que o aumento ou descontrole das desigualdades e a invisibilidade das populações vulneráveis, não é uma consequência aleatória, e sim um plano, a pobreza agora se transforma não em uma das consequências do desequilíbrio do capital e/ou falta de planejamento social, mas sim em um projeto arquitetado pelas políticas privadas, como Santos (2020) explica:

Uma das grandes diferenças do ponto de vista ético é que a pobreza de agora surge, impõem-se e explica-se como algo natural e inevitável. Mas é uma pobreza produzida politicamente pelas empresas e instituições globais. (SANTOS, 2020, p.73)

Essa marginalidade aderente dos processos econômicos e tecnológicos se concretiza como uma pobreza estrutural globalizada, resultado obtido através dos próprios sistemas adotados pelos agentes hegemônicos, que transformam essas desigualdades em um projeto particular de reestruturação (desestruturação) socioespacial, com o objetivo de excluir uma vez por todas as classes inferiores. Já que o próprio encaminhamento da marginalização acompanha os processos econômicos desde seus fundamentos, a chamada corrida econômica

se revela como um projeto de limpeza social, calcada na disseminação da exclusão social. Santos (2013) já abordava a exclusão e invisibilidade de parte da população, como podemos ver em seguida:

A ideia de superpolação supõe que existe uma superabundância de pessoas e que estas devem ser eliminadas ou responsabilizadas, social e economicamente, por sua inutilidade. (SANTOS, 2013, p.36)

Observa-se que o enraizamento desse projeto de culpabilização continua a ser propagado como objetivo central dos atores hegemônicos, combinando seu poder e seu controle sobre o Estado para disseminar seus valores e crenças. No que diz respeito às crenças hegemônicas, constatamos de forma recorrente, que ela se debruça sobre conquista de poder/território e na conquista absoluta da economia, ou seja, do capital; assim contemplamos como tanto o poder como o dinheiro tornaram-se parte fundamental do plano dos atores hegemônicos na ramificação de uma sociedade “livre de imprestáveis” e/ou de deficiências sociais, podemos nos atentar inclusive ao pensamento de Santos (2020) quando ele se refere ao *dinheiro regulador*.

O dinheiro regulador e homogeneizador agrava heterogeneidades e aprofunda as dependências. É assim que ele contribui para quebrar a solidariedade nacional, criando ou aumentando as fraturas sociais e territoriais e ameaçando a unidade nacional. (SANTOS, 2020, p104)

É com esse expoente que a concretização de uma sociedade voltada apenas para a economia acaba desencadeando uma sociedade marginalizada, carente de políticas públicas que possam sanar a deficiência de capital e conseqüentemente problemas como saúde, educação e segurança. Quanto mais o Estado se aproxima e flerta com os setores privados mais as desigualdades crescem, gerando medo social e o aumento da marginalidade dentro dos territórios nacionais. Desta forma, podemos vislumbrar que com o somatório entre poder estatal e o capital dos atores hegemônicos, o resultado não poderia ser diferente, e uma sociedade unida passa a ser uma utopia para os mais otimistas, uma vez que a realidade de fato se resume em sua dissolução, enquanto dividida, pobre, marginalizada, carente e calcada no medo. É nesse mundo em que nossa contemporaneidade se encontra e sua composição não é muito diferente da do imaginário cyberpunk, nela seus personagens têm que enfrentar os frutos do dessecamento privado e atravessar milhares de problemas gerados por um governo autoritário, de modo que as barreiras entre o real e fictício se confundem num emaranhado de problemáticas que cabem aos dois. A sociedade marginal é uma questão atual, sua existência é manifesta, no entanto, o problema da sociedade marginal é tratado como fantasmas futuros, problemas para a próxima geração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao explorar esse imenso percurso entre o meio técnico-científico e o cyberpunk, se pode averiguar que ambos os conceitos e técnicas estão interligados desde suas concepções, seja no âmbito da literatura ficcional e/ou na camada interna da sociedade; a economia, política, cultura e as formas de governos se encontram não apenas nessas duas escalas (real x ficcional), mas em um patamar em que as englobam uniformemente. Contata-se, portanto, que suas nuances são idênticas, por um lado o meio técnico-científico se consagrou como a resposta da geografia para os avanços da globalização na terra, por outro o cyberpunk foi e continua sendo a resposta da ficção científica para os processos de globalização. Não é de se espantar que quando separadas seja difícil assimilar suas conexões pré-existentes, porém uma vez postas lado a lado nos deparamos com a inegável complexidade de simetria entre o real (configurado como o meio técnico-científico) e o dito ficcional (as obras cyberpunks).

A partir dos questionamentos apresentados no presente trabalho, foi possível constatar a verossimilhança que o cyberpunk e o meio técnico-científico possuem, a constar pelo seu denominador comum: a influência dos atores hegemônicos no seio da sociedade. Ambos apresentam dentro da estrutura socioespacial e socioeconômica o controle deliberado desses atores, transfigurados na imagem de entidades privadas, tomando as rédeas da economia e buscando se inserir nas entranhas dos Estados e nações. Não é mistério que as conquistas dessas entidades dentro da estrutura social contemporânea tenham sido um sucesso, seus valores e objetivos estão propagados deliberadamente, através de governos ou líderes que assimilam seus costumes; fato é que ao conseguirem seu passe-livre no interior das estruturas governamentais estes atores se apresentam como mediadoras da privatização e promovem o sucateamento dos organismos públicos, se intitulando como salvadores da economia. Com sua inserção tem início a reestruturação espacial, e o espaço passa a ser o próprio mercado, deixando de lado sua real origem, um organismo vivo que media a vida sociável dos humanos. Enquanto o mercado for controlado pelas grandes empresas econômicas e seus objetivos continuarem sendo o endeusamento do capital, a população vulnerável sentirá seus estigmas.

Portanto, a insurgência de autores ficcionais trouxe uma nova perspectiva para a discussão, isto pois, após o enraizamento da literatura cyberpunk no mundo, as críticas realizadas sobre o modelo estrutural e econômico passaram a ser mais constantes e agressivas, tanto é, que, em se tratando do cyber-universo críticas referentes ao endeusamento da

tecnologia, o superfaturamento de entidades privadas e medidas duvidosas tomadas por partidos políticos tornaram-se o centro de suas reflexões.

É a partir da reprodução do imaginário espacial futurístico, que o cyberpunk mergulhou em seu viés, tendo a modelagem e reestruturação dos espaços geográficos como motivador para suas histórias. O fato é que, ao adentrarmos nesse universo, é perceptível a ideia primária de que os robôs, ciborgues e andróides são na realidade um arquétipo ministrado por seus criadores para referenciar a mão de obra escrava, recorrente nos setores econômicos e industriais. Trata-se de uma enorme metáfora para os trabalhos exaustivos e pouco remunerados que o fordismo e o toyotismo impregnaram na sociedade. Quanto mais inacreditável o futuro nos parece no cyberpunk, mais nos deparamos e nos escandalizamos com a dura realidade em que estamos inseridos, é a partir de uma análise geográfica destas obras, que a fragmentação da sociedade, a desvalorização da população em prol dos atores hegemônicos, se torna evidente, e que fica cada vez mais claro como esses eventos ocasionam o descaso e a exclusão de uma grande parte da população, denominados marginais.

Identificamos assim que, a criação e propagação da pobreza e marginalização não são uma consequência advinda da modernização tecnológica, mas sim um projeto desenvolvido e propagado pelos atores hegemônicos que visam a fragmentação socioespacial como condutor fundamental para seus objetivos, o que se revela no controle completo da economia global. Assim, ao trabalhar essa relação dicotômica entre o real e o fictício foi possível visualizar os tentáculos da perversidade econômica referente à invisibilidade e exclusão dessa parcela da sociedade; tanto é, que ao longo desse percurso notou-se que a solidificação do meio técnico-científico no âmbito da sociedade pós-moderna contemporânea não causou diretamente a exclusão dos marginalizados, mas foi um dos pilares para sua implantação, não por simplesmente ser a cara da globalização, mas por trazer enraizado na sua fundamentação os valores e nuances dos setores privados tanto da economia como da política, acarretando desta maneira na incessante individualização na sociedade.

A modernização traz consigo o dilema da tecnologia, que segundo Santos (2013) traz a modernização e a reformulação do sistema urbano com o reordenamento das cidades que para o referido autor é o resultado das novas formas de realização da vida econômica e social, o que nesse caso viria a ser causado pela complexidade crescente da modernização urbana tecnológica, o que constatamos ser um fenômeno não homogêneo, mas sim heterogêneo. Uma vez que as responsabilidades aderentes a essas causalidades sobrecaem nas entidades

privadas; essas, responsáveis pela dinâmica não homogênea da modernidade urbana; fato é que, a eficácia dessa homogeneidade possui uma natureza política dependente do sistema socioeconômico político em vigor.

Entendemos dessa maneira que, as causalidades referentes ao surgimento da marginalidade social não repousam sobre os ombros do meio técnico-científico, mas sim dos atores hegemônicos e sua incansável busca pelo poder econômico e o controle político, entretanto sua disseminação no meio social é auxiliada pelos novos meios técnicos, que contribuem para alavancar esses atores, uma vez que a sua constituição está consolidada nos tentáculos das megacorporações e dos setores financeiros privados. Por fim, temos a única certeza, apesar de o cyberpunk pertencer ao imaginário fictício, suas abordagens e futuros tão distantes não passam de uma forma de alusão a nossa realidade, que pode ser verificada a partir da intrínseca relação entre a nossa realidade e a prevista nas obras desse gênero. Enquanto uma repousa na fatídica fragmentação irreversível da sociedade, que se encontra jogada a uma pobreza estrutural e a marginalização constante, a outra se consolida como literatura ficcional.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim: notas sobre política**/ Giorgio Agamben; tradução Davi Pessoa Carneiro. – 1. Ed.; 3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. – (FILÔ/Agamben)
- AMARAL, Adriana. **Visões perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk, comunicação e cibercultura** – Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.
- AMARAL, Adriana. **A metrópole e o triunfo distópico** – a cidade como útero necrosado na ficção cyberpunk, Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/amaral-adriana-cyberpunk-e-cidade.pdf>. Acesso em: 06 de julho de 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAETANO, Érica. "**O que é hacker?**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/informatica/o-que-e-hacker.htm>. Acesso em 11 de setembro de 2021.
- CORRÊA, R.L. **O espaço urbano**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2005.
- GIRAUD, Jean. **Moebius; Moebius**. Disponível em: <https://www.moebius.fr/page-Biographie.html>. Acesso em 10 de agosto de 2021.
- KUMASACA, Daniel Mascarin Pires, VIEGAZ, Osvaldo Estrelas. Ideologias Contemporâneas: Atores Hegemônicos e Banalização Política – Estudos em Zygmunt Bauman. **Revista de La Facultad de Derecho**, No. 39, jul.-dic. 2015, 145-175.
- LEMONS, André. Ficção científica cyberpunk: o imaginário da cibercultura. **Conexão – comunicação e cultura**. UCS, Caxias do sul. V3, n.6 p.9-16, 2004.
- MELO, Eunice Maria das Dôres Vaz de. Reflexões sobre cultura do medo: um retrato do desenvolvimento da violência urbana na atualidade. Belo Horizonte – **Revista Tecer**. vol. 1, nº 1, dezembro 2008.
- OROZCO, Marcelo. Três décadas de faça você mesmo; **Revista Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/tres-decadas-de-faca-voce-mesmo/>. Acesso em 08 de setembro de 2021.
- PINTO, Francisco Ringo. CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Medo e Meio Técnico-Científico-Informacional no alto Oeste Potiguar- RN. **Revista LEVS/UNESP**: Edição 11. Marília. Ano 2013,
- SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. Reimp. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. Ed, 1. Reimpressão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

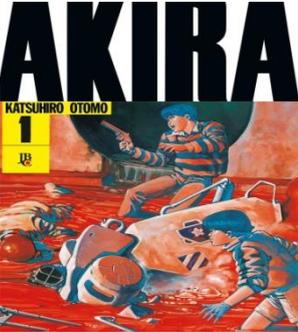
SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana:** com uma bibliografia internacional organizada com a colaboração de Maria Alice Ferraz Abdala. 3. Ed, 1. Reimpressão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal – 30ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2020

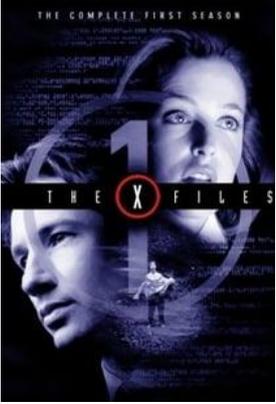
SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento Urbano.** 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

VESCE, Gabriela E. Possolli. **Ciberespaço; Infoescola.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/internet/ciberespaco/>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

APÊNDICE A – UM OLHAR PELO CYBERPUNK

POSTER	NOME	INFORMAÇÕES
	<p>Blade Runner</p> <p>Diretor: Ridley Scott</p> <p>Ano: 1982</p>	<p>Ficção científica/Ação</p> <p>Adaptação do livro: androides sonham ovelhas elétricas. Em 2017, ganhou uma continuação dirigida Denis Villeneuve expandindo o universo criado por Phillip K. Dick.</p>
	<p>Neuromancer</p> <p>Autor: William Gibson</p> <p>Ano: 1984</p>	<p>Ficção científica, cyberpunk.</p> <p>Neuromancer é o primeiro romance da aclamada trilogia Sprawl, na qual é constituída por Count Zero e Monalisa Overdrive.</p>
	<p>Ghost in the Shell</p> <p>Autor: Masamune Shirow</p> <p>Ano: 1991</p>	<p>Ficção científica, cyberpunk.</p> <p>Em 1995 ganhou um filme animado de mesmo nome.</p>
	<p>Akira</p> <p>Autor: Katsuhiro Otomo</p> <p>Ano: 1984</p>	<p>Ficção científica, ação, cyberpunk.</p> <p>É considerado um clássico do estilo Distopia. Acabou dando origem a um longa-metragem de animação com o mesmo nome.</p>

POSTER	NOME	INFORMAÇÕES
	<p>Matrix</p> <p>Diretoras: Lana e Lilly Wachowski</p> <p>Ano: 1999</p>	<p>Ficção científica/Ação</p>
	<p>Altered Carbon</p> <p>Diretor: Uta Briesewitz, Miguel Sapochnik</p> <p>Ano: 2018</p>	<p>Ação/Ficção científica, cyberpunk.</p>
	<p>Alita: Anjo de combate</p> <p>Diretor: Robert Rodriguez</p> <p>Ano: 2019</p>	<p>Ação/Ficção científica, cyberpunk.</p>
	<p>Cyberpunk 2077</p> <p>Estúdio: CD Projekt; CD Projekt RED.</p> <p>Ano: 2020</p>	<p>RPG eletrônico</p> <p>Jogo eletrônico de aventura, tiro, luta.</p>

POSTER	NOME	INFORMAÇÕES
	<p>Arquivo X</p> <p>Criadores: David Duchovny, Chris Carter</p> <p>Ano: 1993</p>	<p>Terror, Ficção científica, Comédia, Drama.</p> <p>O episódio onze da quinta temporada da série trouxe como roteirista e produtor o escritor William Gibson para fazer esse episódio.</p>
	<p>Love death + robots</p> <p>Criador: Tim Miller</p> <p>Ano: 2019</p>	<p>Desenho animado antológico.</p>
	<p>Dope Stars Inc.</p> <p>Ano: 2003</p>	<p>Banda italiana de rock industrial formada em 2003 por: Victor Love, Darin Yevonde, Grace Khold e Brian Wolfram. Seu primeiro álbum lançado em 2005 é intitulado <i>Neuromancer</i>, sendo uma homenagem ao livro de mesmo nome escrito por William Gibson.</p>